

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado em Psicologia Clínica
Linha de Pesquisa: Estados Psicopatológicos e Abordagens Psicoterápicas

Daiana Quadros Fidelis

**Transição para Coparentalidade e a Experiência da Parentalidade Tardia em
Casais de Dupla Carreira**

Orientadora:
Profa. Dra. Clarisse Mosmann

São Leopoldo, Dezembro de 2016.

DAIANA QUADROS FIDELIS

Transição para Coparentalidade e a Experiência da Parentalidade Tardia em Casais de Dupla Carreira

Dissertação de Mestrado apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Orientadora:
Profa. Dra. Clarisse Mosmann

São Leopoldo, Dezembro de 2016.

Daiana Quadros Fidelis

Transição para Coparentalidade e a Experiência da Parentalidade Tardia em Casais de Dupla Carreira

Dissertação de Mestrado apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Prof. Dra. Clarisse Pereira Mosmann – UNISINOS- Orientadora

Prof. Dra. Denise Falcke – UNISINOS – Examinador

Prof. Dra. Luciana Suárez Grzbowski – UFCSPA - Examinador

Prof. Dra. Isabela Machado da Silva – UnB – Examinador

Agradecimentos

Agradeço a minha família em primeiro lugar por ter acreditado e me apoiado neste momento tão importante. A minha mãe Clélia, meu pai Norberto e minha irmã Mariana, por sempre estarem ao meu lado em todas minhas decisões, e principalmente ao meu cunhado Alessandro por ter me incentivado tanto a entrar no Mestrado, e como diz ele “ eu finalizei o mestrado, mas se tu entrar pro doutorado eu também entro para um apoiar o outro”. Ao meu namorado Eric por entender minha ausência em diversos momentos principalmente em sábados e domingos, mas sempre estando ao meu lado me incentivando.

Quero agradecer imensamente a minha Orientadora Dra. Clarisse Mosmann pela acolhida no grupo, pelos ensinamentos e por ter acreditado no meu potencial para desenvolver este trabalho, cresci muito tanto como pessoa como profissional.

E não menos importante quero agradecer a banca a Dra. Denise Falcke, Dra. Luciana Grzybowski e a Dra. Isabela Machado pelas ótimas contribuições na banca de qualificação em que pude melhorar o meu trabalho.

MEU MUITO OBRIGADA!!!

Sumário

Resumo	11
Abstract	12
Apresentação da Dissertação	13
Artigo I.....	16
Resumo	16
Abstract	17
Introdução	18
Método	23
Delineamento	23
Participantes.....	24
Procedimentos éticos e coleta de dados.....	26
Instrumentos.....	26
Análise dos dados	27
Resultados e discussão.....	27
Decisão pela gestação	28
Experiência da Parentalidade.....	30
Paternidade.....	31
Maternidade	32
Percepção de si no processo.....	33
Visão da mãe.....	34

Visão do pai	35
Dificuldades	36
Percepção do cônjuge no processo	38
Visão do pai	38
Visão da mãe.....	39
Considerações Finais	41
Referências.....	42
Artigo II	49
Resumo	49
Abstract.....	50
Introdução	51
Método	57
Delineamento	57
Participantes.....	57
Procedimentos éticos e coleta de dados	60
Instrumentos.....	60
Procedimentos de análise dos dados	61
Resultados e Discussão	61
Conjugalidade	61
Coparentalidade	65
Compartilhamento de tarefas domésticas	68
Dupla – Carreira / Duplo – Trabalho	71

Considerações finais	74
Referências.....	75
Considerações Finais da Dissertação	84
Referências da Dissertação	86
Apêndice A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.....	88
Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	89
Apêndice C – Ficha de Dados Sociodemográficos.....	90
Apêndice D – Entrevista sobre a Experiência da Maternidade	91
Apêndice E – Entrevista sobre a Experiência da Paternidade	93
Apêndice F – Roteiro para Entrevista sobre Coparentalidade	95

Lista de Abreviaturas e Siglas

NECAF	Núcleo de Pesquisa em Casais e Família
NIEPED	Núcleo de Estudos e Pesquisas em Transtorno do Desenvolvimento
NUDIF	Núcleo de Infância e Família
PAIRFAM	Panel Analysis of Intimate Relationships and Family Dynamics
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Transição para Coparentalidade e a Experiência da Parentalidade Tardia em Casais de Dupla Carreira

Resumo

A transição para a parentalidade é um período importante no sistema familiar e vem sendo estudada no contexto nacional e internacional há mais de 30 anos. A coparentalidade é definida como um subsistema que envolve dois ou mais adultos que dividem a parentalidade em relação a uma criança. As dificuldades nesse processo de transição, paralelo às demandas da dupla-carreira, têm levado muitos casais a adiar a maternidade/paternidade, resultando na gestação tardia. O objetivo deste trabalho foi compreender a transição para a coparentalidade em casais de dupla-carreira em um contexto de gestação tardia. A pesquisa foi qualitativa, com delineamento exploratório. Participaram cinco casais heterossexuais casados há mais de dois anos, ambos com atuação profissional e todas as mulheres viveram a gravidez após os 35 anos, e não passaram por nenhum procedimento de fertilização. Os instrumentos utilizados foram um questionário de dados sociodemográficos, uma entrevista semiestruturada sobre a coparentalidade (NIEPED, 2006), realizada com o casal e posteriormente, foi marcada uma entrevista individual, com a mãe, a qual respondeu a Entrevista sobre experiência da Maternidade, e com o pai, a Entrevista sobre experiência da Paternidade (NUDIF, 1999a; 1999b). Os resultados compõem dois artigos empíricos o primeiro intitulado “A Experiência da Parentalidade tardia: percepções de pais e mães” e o segundo “Conjugalidade e Coparentalidade tardia em Casais de Dupla Carreira”. Os dados apontaram transformações no processo de transição, com a mãe e o pai dividindo em equilíbrio as responsabilidades com o(a) filho(a), bem como também as tarefas domésticas, o que reverberou em níveis altos de qualidade conjugal. Assim, apesar das mudanças na rotina social do casal, e todos enfrentando expressivas cargas horárias de trabalho semanal, os cônjuges denotaram adaptabilidade ao processo de transição.

Palavras-chave: transição para parentalidade, coparentalidade, gestação tardia, casais com dupla carreira.

Transition to Coparenting and Late Parenting Experience in Dual Career Couples

Abstract

Parenting transition is an important period in the family system and it has been investigated in both national and international contexts for over 30 years. Coparenting is defined as a subsystem involving two or more adults who share parenting a child, nevertheless few national studies on coparenting were carried out. The difficulties in this transition process as well as dual-career demands have led several couples to postpone maternity/paternity, resulting in late gestation. This study aimed to understand coparenting transition in dual-career couples considering late gestation context. The research design encompassed exploratory, descriptive and qualitative methods. Five heterosexual couples married for over two years participated in the study, in which both spouses displayed professional activities and all women got pregnant after aging 35 years old, not undergoing any fertilization procedure. The employed instruments were a sociodemographic questionnaire, a semi-structured interview on co-parenting (NIEPED, 2006) conducted with each couple, and individual interviews were posteriorly scheduled with either mothers or fathers, who answered the Maternity Experience Survey or the Paternity Experience Survey designed by the research group (NUDIF, 1999a; 1999b). The results were split and reported in two empirical papers; the first one was entitled “Late Parenting Experience: Fathers and Mothers’ Perceptions” and the second one was “Conjugality and Late Coparenting in Dual Career Couples”. The data shed light on changes in the transition process, in which both mother and father equally divided the responsibility regarding the child, as well as domestic tasks, reverberating in high conjugal quality levels. Thus, despite changes in couple’s social routine and the substantial weekly workloads faced by them, participants demonstrated adaptability to the transition process.

Keywords: Parenting transition; Coparenting; Late Gestation; Dual-career couples.

Apresentação da Dissertação

A transição para a parentalidade e a coparentalidade é um período do ciclo vital familiar caracterizado por mudanças impactantes sobre a vida e o relacionamento dos indivíduos que a experimentam, antes apenas o casal e agora com um novo membro na família que requer cuidados e totalmente dependente desses pais. Essa demanda pode gerar conflitos na conjugalidade pois, do ponto de vista sistêmico, tornam-se necessários ajustes que permitam a criação de um espaço para a entrada desse novo membro na família. Além das responsabilidades e cuidados com a criança, o casal precisa fazer frente às tarefas do lar e, atualmente, muitos trabalham fora em tempo integral (Carter & McGoldrick, 1995). Nesse contexto, a transição para a parentalidade vem sendo estudada no contexto nacional e internacional há mais de 30 anos. Especificamente, a coparentalidade, definida na literatura como um subsistema que abarca dois ou mais adultos que dividem as tarefas da parentalidade em relação a uma criança ainda é pouco estudada no Brasil. Um cuidador poderá ter mais contribuição aos cuidados da criança, envolvendo-se mais que o outro, baseando-se na qualidade que cada um tomará frente a esta criança (Margolin, Gordis, & John, 2001; Van Egeren & Hawkins 2004; McHale & Lindahl, 2011). Para Feinberg (2003), a coparentalidade é entendida como uma partilha entre o casal no cuidado e nos deveres de uma determinada criança. O autor define que o subsistema coparental é formado em quatro dimensões: acordo ou desacordo nas práticas parentais, divisão do trabalho relacionado com a criança, suporte/sabotagem do papel coparental e gestão conjunta das relações familiares. Nesse sentido, a coparentalidade é resultado da articulação destes quatro elementos. Essa definição deixa clara a importância da contribuição de cada genitor para o desenvolvimento da prole. Entretanto, sabe-se que, atualmente, o desempenho de

diferentes papéis, como no matrimônio, na família e no trabalho, pode acabar tornando-se um dilema frente às múltiplas demandas que necessitam ser encaradas pelos cônjuges (Corrêa & Aquino, 2015). As dificuldades nesse processo têm levado muitos casais a adiar a maternidade/paternidade, ocorrendo então a gestação tardia. O objetivo geral deste estudo foi compreender a transição para a coparentalidade em casais de dupla carreira em um contexto de gestação tardia.

Esta dissertação insere-se na linha de pesquisa “Estados Psicopatológicos e Abordagens Psicoterápicas”, que faz parte do Núcleo de Pesquisa em Casais e Família – NECAF, sob orientação da professora doutora Clarisse Pereira Mosmann do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica – UNISINOS.

Este estudo teve delineamento exploratório, descritivo e qualitativo. Participaram cinco casais heterossexuais casados há mais de dois anos, ambos com atuação profissional e todas as mulheres viveram a gravidez após os 35 anos, e não passaram por nenhum procedimento de fertilização. Os instrumentos utilizados foram um questionário de dados sociodemográficos, uma entrevista semiestruturada sobre a coparentalidade, com o casal e posteriormente, uma entrevista individual, que foi respondida pela mãe, a Entrevista sobre experiência da Maternidade, e com o pai, a Entrevista sobre experiência da Paternidade.

O trabalho está dividido em dois artigos empíricos, a seção I o artigo intitulado **“A Experiência da Parentalidade tardia: percepções de pais e mães”** que teve por objetivo compreender a experiência da parentalidade tardia na percepção de pais e mães. Os resultados apontaram que os casais planejaram a parentalidade assim tornando o processo menos conflituoso. O pai apareceu bastante presente e participativo na vida dos filhos. Tanto o pai quanto a mãe se veem como assíduos e preocupados com o bem-estar de seus filhos e cada genitor vê o seu parceiro dedicado no processo. Por fim, os

casais relataram dificuldades esperadas no processo, mas também capacidade de lidar com as mesmas, devido ao envolvimento equilibrado no processo.

A seção II é composta por outro artigo empírico denominado “**Conjugalidade e Coparentalidade Tardia em Casais de Dupla Carreira**”, que teve por objetivo compreender a transição da conjugalidade para a coparentalidade tardia em casais de dupla-carreira em um contexto de gestação tardia. Os achados mostraram que apesar da grande carga horária de trabalho destes casais, o pai está se mostrando mais participativo na gestação e principalmente após o nascimento do filho se estendendo na atenção às tarefas domésticas, o reflete em bons níveis de qualidade conjugal. Outro dado importante é que estes casais se mostram satisfeitos com a carreira profissional pois houve, por parte dos locais de trabalho, apoio e flexibilidade na transição para a parentalidade, assim tornando menos difícil conciliar a maternidade/paternidade com o retorno à vida profissional.

Por fim, são apresentadas as considerações finais desta dissertação e principais resultados obtidos e as limitações deste estudo. Espera-se que o estudo possa contribuir para o entendimento a respeito das interações familiares, buscando ampliar as evidências e contribuir para a pesquisa e prática clínica com famílias.

Artigo I

A Experiência da Parentalidade tardia: percepções de pais e mães

Resumo

O presente estudo teve por objetivo compreender a experiência da parentalidade tardia na percepção de pais e mães. A pesquisa teve âmbito exploratório e descritivo, com método de análise de dados qualitativo. Participaram cinco casais heterossexuais casados ou morando juntos há mais de dois anos em que a mulher teve filho acima dos 35 anos, ambos com atuação profissional, com filho primogênito de até um ano de idade. Os instrumentos utilizados foram: questionário de dados sociodemográficos e uma entrevista semiestruturada respondida separadamente pelos participantes. As mães, responderam sobre a Experiência da Maternidade e os pais sobre a Experiência da Paternidade, ambas desenvolvidas pelo Núcleo de Infância e Família (NUDIF, 1999a; 1999b) e adaptadas para este estudo. Os resultados apontaram que todos casais planejaram a gravidez, o que parece ter se refletido na adaptabilidade de ambos na transição. Tanto a mãe quanto o pai percebem-se participativos na parentalidade, e cada genitor vê o outro dedicado no processo. Por fim, os resultados evidenciam homens cada vez mais implicados na criação dos filhos.

Palavras-chave: Experiência da Parentalidade; Maternidade; Paternidade; Gestação tardia.

Late Parenting Experience: Fathers and Mothers' perceptions

Abstract

The present study aims to investigate the late parenting experience through fathers and mothers' perceptions. An exploratory and descriptive research was carried out, based on qualitative analysis method. Five heterosexual couples married or cohabiting for over two years, in which women got pregnant after aging 35 years old, both spouses displaying professional activities, and having a firstborn child aged up to one year old participated in the study. The employed instruments were a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview conducted with each participant separately. Mothers provided answers on Maternity Experience whereas fathers reported their Paternity Experience, both surveys developed by Childhood and Family Research Group (NUDIF, 1999a; 1999b) and adapted for this study. The results demonstrated that all couples had planned pregnancies, which seemed to reflect on both spouses' adaptability on parenting transition. Both mother and father perceived themselves to be engaged in parenting, and each parent recognizes the other as collaborative in the process. Finally, the results evidenced increasingly involvement of men in raising children.

Keywords: Parenting experience; Maternity; Paternity; Late gestation.

Introdução

A literatura postula que as motivações para a parentalidade são muitas e referem-se a distintos domínios da vida. Em nível emocional/psicológico, estas motivações propagam o desejo de afirmação de uma relação com a criança que é única e especial, (Guedes, Carvalho, Pires, & Canavarro, 2011; Guedes, Pereira, Pires, Carvalho, & Canavarro, 2013; Langdridge, Sheeran, & Conolly, 2005), a qual normalmente traz alegria e felicidade (Cassidy & Sintrovani, 2008) e que possibilita cuidar, ensinar e educar (Guedes, et al., 2011; 2013; Miller, 1995). Economicamente, devido às demandas geradas pela criança, há uma necessidade de maior organização, que será menos estressante se o casal já vivenciar uma situação financeira equilibrada (Guedes et al., 2011; 2013; Miller, 1995).

Por outro lado, há apreensões relativas ao contexto social, como a exposição da criança aos vários perigos do mundo, sejam eles sociais ou ambientais (Guedes et al., 2011; 2013). Em relação aos aspectos emocionais/psicológicos, preocupações com estilo de vida, a carreira e a conjugalidade também são importantes (Guedes et al., 2011; 2013; Langdridge et al., 2005). Somam-se a perspectiva de desgaste emocional e cansaço físico, relacionados com à prestação de cuidados, responsabilidades e preocupações com o(s) filho(s) (Langdridge et al., 2005; Guedes et al., 2011; 2013; Miller, 1995). Além disso, há preocupações quanto à imaturidade pessoal ou falta de qualidades próprias às funções e papéis essenciais à parentalidade (Guedes et al., 2011; 2013).

Nesse contexto, com a opção pela parentalidade, o nascimento do primeiro filho marca um novo ciclo na vida do casal, pois este novo membro necessita de cuidados e os pais devem saber distinguir suas funções e haver apoio entre os mesmos (Minuchin,

1990). De acordo com a teoria sistêmica, ajustes são necessários para a criação de um espaço para a entrada desse novo membro no sistema familiar (Carter & McGoldrick, 1995). Esse lugar é derivado, entre outros, pelos motivos que sustentam a escolha em ter filhos. Esses podem ser muitos, mas as demandas biológicas e subjetivas estão presentes, agregadas à continuidade da família, à procura de um significado para a vida, à concretização de um desejo, assim como ser reconhecido socialmente (Scavone, 2001).

A partir da década de 1980, tanto a mulher quanto o homem começaram a adiar a maternidade/paternidade focando primeiro em se consolidar profissionalmente (Bradt, 1995; Carvalho & Caetano, 2011; Matias, Silva, & Fontaine, 2011; Nascimento & Térzis, 2010). Bradt (1995) relaciona esse fenômeno ao fato de que, além de ter que criar um espaço para a chegada de filhos, ambos os cônjuges passaram a ocupar lugares no mercado de trabalho, havendo também uma desvalorização da tarefa de criar os filhos. Com as múltiplas demandas, que muitas vezes são conflitantes, os jovens são impelidos a adiar viver este momento (Goulart Júnior, Feijó, Cunha, Corrêa, & Gouveia, 2013; Severiano, 2013; Monteiro & Medeiros, 2015), resultando, então, na maternidade e paternidade tardia. Esta é definida na literatura por ocorrer após os 35 anos da mulher (Schupp, 2006).

A entrada da mulher no mercado de trabalho e as exigências da sociedade passaram a ocupar um lugar mais importante, assim a maternidade/paternidade passou a ser mais uma opção e não mais uma etapa esperada do ciclo vital. Ao mesmo tempo, a maternidade e a paternidade permanecem fortemente no imaginário social como um ideal a ser alcançado por todos (Travassos-Rodriguez & Féres-Carneiro, 2013).

Assim, pesquisadores iniciaram estudos para analisar o fenômeno da parentalidade tardia. No Brasil, Castelo Branco, Moreira, Siqueira, Vasconcelos e

Fontenele (2016) investigaram a percepção de mães primíparas, ou seja, que teve ou vai ter o primeiro parto (Dicio, 2016b) e sobre a maternidade tardia. Elas relataram a maternidade como algo divino e a experiência mais importante em suas vidas. Por outro lado, assim como mulheres mais jovens, as mães tiveram dificuldades no cuidado do filho recém-nascido por despreparo, medo, falta de conhecimento e experiência.

Em relação à paternidade, destaca-se a pesquisa com método qualitativo que teve por objetivo compreender os processos desenvolvimentais de homens que se tornaram pais pela primeira vez após os 40 anos. Participaram quatro pais, com idades entre 44 e 58 anos, por meio de entrevista semiestruturada. Os resultados apontaram que há aspectos positivos e negativos. Como desafio, destaca-se a idade avançada, pois envolve limitações físicas, mas os participantes disseram não ser um empecilho para uma boa experiência da paternidade. Por outro lado, salientaram a importância dos cônjuges conciliarem as funções parentais (Colleti & Scorsolini-Comin, 2015).

Nesse sentido, os estudos indicam que, antes da gestação tardia, a dificuldade dos casais parece ser com inaugurar-se nessa função. A pesquisa qualitativa feita por Simas, Souza e Scorsolini-Comin (2013) objetivou compreender os sentidos sobre maternidade e as vivências da gravidez em gestantes primíparas e múltiparas, ou seja, que tiveram mais de um filho (Dicio, 2016a). Identificou-se, nas primíparas, que a inexperiência trouxe incertezas, já as mulheres, múltiparas, apresentaram ambivalência pelo fato de a gravidez não ter sido planejada. Em relação ao apoio, em ambas situações, destacou-se a participação ativa do companheiro, apontando a sua importância para o bem-estar psicológico da mulher.

O estudo de Premberg, Hellstrom e Berg (2008) feito na Suécia utilizou uma abordagem fenomenológica para investigar 10 pais primíparos que tinham filhos de um ano de idade. Os resultados revelaram que quando o bebê foi para casa, nos primeiros

dias os pais sentiram-se totalmente tomados pelas mudanças na sua vida, pois havia mais uma pessoa que dependia deles. Com o decorrer do tempo, esses pais foram adquirindo experiência e satisfação. Quanto maior o tempo e o engajamento dos pais no contato com seus bebês, maior satisfação com a parentalidade, diminuindo assim as dificuldades neste processo (Barclay & Lupton, 1999; Premberg et al., 2008).

Nesse sentido, o relacionamento diário com seus filhos, contemplando a companhia destes, torna-os figuras centrais em suas vidas (Cia & Barham, 2009). Mesmo em muitas famílias, com as mães ainda sendo as principais responsáveis pela maior parte dos cuidados dos filhos, os pais estão participando mais assiduamente, o que se reflete na qualidade da paternidade (Genesoni & Tallandini, 2009). No que tange à visão da mulher sobre o pai na parentalidade o estudo de Dessen e Oliveira (2013) objetivou compreender a percepção de 45 mulheres grávidas e 42 mães com bebês até seis meses sobre o envolvimento paterno na gestação e após o nascimento do filho. Os achados indicaram que apesar de elas avaliarem o pai como pouco participativo, ainda assim se encontravam satisfeitas com seu envolvimento.

A participação mais equitativa de homens e mulheres no exercício da parentalidade, suscita o questionamento se esse equilíbrio se relaciona à decisão pela parentalidade. O estudo internacional feito por Hutteman, Bleidorn, Penke e Denissen (2013), pesquisou a intenção de ter filhos através dos dados do estudo longitudinal alemão *Panel Analysis of Intimate Relationships and Family Dynamics* (PAIRFAM). Participaram casais sem nenhum impedimento biológico em ter filhos e a pesquisa foi feita em dois tempos, com um intervalo de um ano. Os resultados apontaram que a intenção do casal mostra-se acentuada, no que se refere ao planejamento do primeiro filho, enquanto, a partir do segundo filho, as intenções da mulher concretizam-se como fator determinante.

Ainda no contexto alemão, Pinguart, Stotzka e Silbereisen (2010) pesquisaram a ambivalência de jovens adultos entre 25 a 30 anos, no conflito entre ter ou não ter filhos, usando um questionário fechado. Os dados mostraram que uma pequena parte da população pesquisada pareceu se mostrar ambivalente em relação a ter ou não filhos porém, as mulheres tendem a ser mais ambivalentes do que os homens e estes pretendem ter mais filhos do que as mulheres. Outro resultado interessante é que ainda há conflito entre a parentalidade e outros objetivos de vida a serem atingidos, aliados ao grande custo financeiro que envolve ter um filho e quando há indecisão de um dos parceiros.

Corroboram os autores acima o estudo internacional feito na Itália por Testa, Cavalli e Rosina (2014). Os pesquisadores basearam-se nos dados do estudo demográfico *Household Survey on Family and Social Subjects*, desenvolvido pelo Instituto Nacional Italiano de Estatística entre 2003 e 2007, para investigar a concordância do casal, no que se refere à tomada de decisões acerca de ter filhos ou não além dos efeitos da divergência de opiniões. Os achados indicaram que não parece existir uma igualdade de poder na tomada de decisão, isso porque o parceiro que pretende ter filhos parece exercer maior influência sobre o outro. Além disso, não se confirmou a hipótese de que as mulheres atuem predominantemente sobre ter filhos ou não, uma vez que a parentalidade tem implicações para ambos, o que torna necessário o acordo entre os cônjuges.

Ao contrário, no estudo de Bauer e Kneip (2012), a tomada de decisão por filhos tardiamente entre casais esteve agregada à harmonia de desejos dos dois parceiros sobre a finalidade e o comportamento de fecundidade, lembrando que nem as mulheres nem os homens possuem as decisões definitivas nesse campo. O mais relevante é que um parceiro somente irá se opor se a vontade de não ter filhos for ostensiva. Quando os

parceiros tiverem desejos adversos, a capacidade de decisão virá a partir das vantagens e condições que a sociedade irá impor, assim desempenhando papel fundamental para o parceiro estabelecer sua vontade sobre o outro. Um estudo realizado na Alemanha indicou que casais não negociam somente sobre o consumo do dia-a-dia, mas também sobre as decisões em relação a ter ou não filhos (Hener, 2010).

Destaca-se então que a decisão pela parentalidade vem ocorrendo por parte dos casais cada vez mais tardiamente e associada a inúmeros motivos emocionais, financeiros e sociais. Por se tratar de um fenômeno novo, ainda há escassez de estudos que possam elucidar as idiosincrasias dos casais que vivenciam essas experiências. Os dados disponíveis mostram um panorama em transformação e, devido às repercussões para a saúde mental dos cônjuges e seus filhos, sustenta-se a realização de novos estudos nacionais para compreender esses processos familiares. Além disso, apesar de já se conhecer as grandes repercussões que a transição para a parentalidade acarreta para os casais, torna-se necessário investigar empiricamente esse período do ciclo familiar, em conjunto com a decisão tardia. Assim, este estudo teve por objetivo compreender a experiência da parentalidade tardia na percepção de pais e mães.

Método

Delineamento

Foi realizada uma pesquisa qualitativa e exploratória. Ressalta-se que toda a pesquisa qualitativa é interpretativa por analisar múltiplos sentidos que determinam as relações humanas, sendo a relação pesquisador-participante componente fundamental da pesquisa (Stake, 2011).

Participantes

Participaram deste estudo cinco casais heterossexuais com filho primogênito, concebidos por mulheres com mais de 35 anos, ambos com atuação profissional e residentes na região metropolitana de Porto Alegre, RS. Foram critérios de inclusão: cônjuges que estivessem casados ou morando juntos há, pelo menos, dois anos; tivessem apenas um filho de até um ano de idade; exercessem dupla carreira. Como critérios de exclusão, os participantes não poderiam ter passado por nenhum tipo de tratamento de fertilização, já que se buscava investigar casais que optaram pela gestação após os 35 anos, não sendo decorrência de nenhum impedimento biológico.

Como identifica-se na Tabela 1, todos os participantes apresentaram idades entre 33 a 56 anos, com carga horária de trabalho a partir de 35 horas semanais. Com relação a escolaridade dos participantes, dois concluíram o ensino médio, quatro possuem ensino técnico e quatro, graduação. Em relação ao estado civil, apenas um casal não está em união estável ou casado, apenas morando junto. Dos cinco casais participantes, em três deles, as mães encontravam-se em licença maternidade e, conseqüentemente, as crianças estavam sob seus cuidados. Dos outros dois casais, as crianças já frequentavam a educação infantil.

Tabela 1
Caracterização Familiar

	Casal 1		Casal 2		Casal 3		Casal 4		Casal 5	
	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai
Idade	39	38	35	33	36	35	38	49	46	56
Escolaridade	Superior	Técnico	Superior	Superior	Técnico	Técnico	Técnico	Ensino médio	Superior	Ensino médio
Profissão	Professora	Técnico em enfermagem	Psicóloga	Bancário	Analista de RH	Eletrotécnico	Técnica em enfermagem	Fiscal Operacional Segurança	Funcionária pública	Comerciante
Carga horária de trabalho	40h semanais	60h semanais	40h semanais	40h semanais	50h semanais	45h semanais	60h semanais	50h semanais	35h semanais	45h semanais
Traz trabalho pra casa	Sim	Não	Não traz mais	Não	Não traz mais	Não	Não	Não	Não traz mais	Não
Estado civil	União estável		Casado		União estável		Casado		Morando junto	
Tempo de casamento	8 anos		13 anos		9 anos		8 anos		10 anos	
Número de filho(s)	1 filho		1 filho		1 filho		1 filho		1 filho	
Idade do(s) filho(s)	4 meses		3 meses		7 meses		1 ano		1 ano	
Ingresso na escola	-		-		-		Sim		Sim	
Quanto tempo	-		-		-		15 dias		3 meses	
Turno	-		-		-		Tarde		Manhã/Tarde	

Procedimentos éticos e coleta de dados

O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Após a aprovação sob parecer número 15/231 se deu início a coleta de dados (Apêndice A). O processo de seleção dos participantes foi feito por conveniência, por meio da indicação de pessoas que conheciam casais em que a mulher teve filho após os 35 anos. Os participantes foram contatados por telefone, momento em que foram convidados a participar da pesquisa, em local e hora mais conveniente. Concordando em participar, o casal assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B).

O presente estudo atendeu às exigências éticas contempladas na resolução para pesquisas com seres humanos (Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde [CNS]). Os participantes responderam individualmente as entrevistas sobre Experiência da Maternidade e a Experiência da Paternidade do grupo (NUDIF, 1999a; 1999b).

Instrumentos

Questionário de Dados Sociodemográficos (Apêndice C): desenvolvido pela autora da pesquisa, buscou a obtenção de informações sobre a família, como nível de escolaridade, tempo de relacionamento, informações profissionais.

Entrevista sobre a Experiência da Maternidade (Apêndice D): esta entrevista investigou a experiência da maternidade, sendo composta por blocos de questões que focalizam a visão da mãe sobre o desenvolvimento do bebê, suas percepções e sentimentos quanto à maternidade, as mudanças percebidas, a visão do cônjuge como pai, a rotina após o nascimento do bebê, o apoio recebido. O questionário foi desenvolvido pelo Núcleo de Infância e Família (NUDIF, 1999a) da

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. A entrevista foi adaptada para o presente estudo.

Entrevista sobre a Experiência da Paternidade (Apêndice E): a partir do mesmo modelo utilizado na entrevista com a mãe sobre a experiência da maternidade, este instrumento investigou a experiência da paternidade, também desenvolvido pelo Núcleo de Infância e Família (NUDIF, 1999b) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. A entrevista foi adaptada para o presente estudo.

Análise dos dados

Utilizou-se a análise de conteúdo, que segundo Minayo (1994), é um procedimento de análise de dados que visa examinar a comunicação com o intuito de obter indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção das mensagens. As entrevistas gravadas e transcritas pela pesquisadora foram submetidas à análise de conteúdo, e as categorias definidas de forma mista, *a priori* e *a posteriori* (Franco, 2005). As categorias *a priori* foram baseadas nas entrevistas sobre a Experiência da Maternidade e a Experiência da Paternidade e as *a posteriori* emergiram das entrevistas.

Resultados e discussão

A estrutura das categorias e subcategorias utilizadas estão apresentadas na Tabela 2. As falas dos participantes foram transcritas na íntegra e discutidas à luz do referencial teórico proposto na introdução.

Tabela 2

Estrutura das Categorias e Subcategorias

Categorias	Subcategorias
Decisão pela gestação	
Experiência da Parentalidade	Paternidade Maternidade
Percepção de si no processo	Visão do pai Visão da mãe Dificuldades
Percepção do cônjuge no processo	Visão da mãe Visão do Pai

Fonte: Elaborado pela autora

Decisão pela gestação

Esta categoria abrange a decisão pela gestação, como os casais vivenciaram esse processo.

Tanto para Paula e César como para Célia e Renato, a decisão foi planejada pois os dois casais achavam que faltava algo entre eles. Entretanto, evidencia-se que foram as mulheres quem comunicaram a decisão e seus parceiros concordaram.

“Estava faltando alguma coisa no nosso relacionamento[...], não que a gente não se desse bem, mas estava faltando alguma coisa para se preocupar e para unir mais a gente” (Paula, casal – 1).

“A Paula disse que queria ter um filho e eu disse que aceitava, nós conversamos, já estávamos na nossa casa, com tudo encaminhado[...].” (César, casal – 1).

“A gente já estava um tempo casado e a gente sente assim que falta alguma coisa, porque daí era sempre eu e ele, daí eu disse pra ele que eu iria parar de tomar pílula” (Célia, casal – 4).

Para Maria e Júlio, a decisão também foi planejada. Já estabilizados financeiramente, os dois concordaram em ter um filho, mas esta decisão foi tardia por Maria querer primeiro finalizar seus estudos, sendo o desejo maior do parceiro, como pode ser observado na fala a seguir:

“Então, a gente já pensava em ter filhos [...] mas assim te digo eu prorroguei mais do que ele, eu empurrei mais em funções das coisas que eu queria fazer, que era faculdade, era pós, sabe?” (Maria, casal – 2).

Marcos e Leticia decidiram em conjunto ter o filho depois que os dois terminassem a pós-graduação e o curso que estavam fazendo. O emprego também já estava estruturado e a idade também foi um dos fatores que contribuiu, como notamos nas falas a seguir:

“Eu queria ter, daí eu esperei terminar a pós, ai eu tava terminando a pós ai eu disse acho que é a hora, e eu tenho 35 anos, não dá mais pra esperar” (Leticia, casal – 3).

“Bom a gravidez, a gente esperou um tempo porque financeiramente não estava na hora ainda e a Leticia estava terminando a faculdade dela e eu estava terminando outro curso que eu estava fazendo, e na hora que terminamos tudo em questões de estudo e o emprego estava mais estável, bom agora é hora, e também por causa da idade né, nós não temos mais vinte anos” (Marcos, casal – 3).

“Entendemos que já estávamos maduros, com relativa segurança financeira e na idade adequada” (Júlio, casal – 2).

Esses resultados refletem que os casais cada vez mais estão se consolidando no mercado de trabalho, para depois pensar em ter filhos, assim adiando a maternidade/paternidade (Bradt, 1995; Carvalho & Caetano, 2011; Matias et al., 2011; Nascimento & Térzis, 2010). Com as múltiplas demandas, que muitas vezes são conflitantes, os jovens decidem postergar viver este momento (Goulart Júnior et al., 2013; Severiano, 2013; Monteiro & Medeiros, 2015). As falas anteriores vão ao encontro da pesquisa feita por Pinquart et al. (2010), em que os resultados mostraram que antes de ser pai/mãe, os casais estabelecem outros objetivos de vida a serem atingidos.

Para Roberto e Júlia a decisão pela gestação também foi planejada, os dois contam que conversaram muito sobre o assunto, como notamos nas falas a seguir:

“A decisão foi assim, antes eu tomava anticoncepcional, e aí a gente falava sobre isso eventualmente até que um dia decidimos ter um bebê” (Julia, casal – 5).

“Conversamos, conversamos, ela queria, daí depois eu disse: ‘tá vamos ter, vamos ter então, vamos tentar’. Não era fácil né, porque já tava aí os 40 anos e eu também já com 50 anos, mas aconteceu, porque tinha que ser né’ (Roberto, casal – 5).

Estas falas vão ao encontro dos autores Bauer e Kneip (2012), que dizem que a tomada de decisão em ter filhos está associada a harmonia e o desejo do casal. Uma pesquisa feita por Hener (2010) indicou que os casais decidem sobre suas rotinas, planos e também acerca da parentalidade.

Entretanto, dentro da decisão pela gestação, os motivos são diversos e identifica-se uma heterogeneidade quanto à equidade de participação no processo. Para alguns casais desse estudo, ambos desejavam e decidiram no mesmo momento, para outros, um dos genitores apresentava maior desejo em determinado momento e o outro assentiu. Esses resultados corroboram parcialmente o estudo feito na Itália por Testa et al. (2014) em que os resultados apontaram que não há uma igualdade na decisão de ter ou não filhos, mas o parceiro que decide em ter, acaba exercendo maior influência sobre o outro.

Experiência da Parentalidade

Esta categoria tem por finalidade apresentar as percepções dos genitores sobre como está sendo a experiência de ser pai e mãe pela primeira vez.

Paternidade

Os seguintes relatos mostram, de uma maneira geral, concordância entre os pais, afirmando que está sendo uma experiência muito gratificante.

“Tá sendo maravilhosa, bah muito boa mesmo, tô curtindo muito” (César, casal – 1).

“Está sendo maravilhosa nunca imaginei que seria tão bom assim” (Júlio, casal – 2).

“Ah muito boa porque já tá sendo pela primeira vez, assim, renova o casamento, o astral, é tudo[...] é só a pessoa vivendo né esse momento” (Renato, casal – 4).

Marcos afirma que também está sendo uma experiência boa, mas relata que tem que se adaptar pois agora tem uma criança que depende dele:

“Bom, tá sendo uma experiência diferente, que muitas coisas nós temos que amadurecer, não era como antes, que antes era somente eu e a Leticia, agora temos uma bebê que depende de nós, está sendo uma experiência muito boa” (Marcos, casal – 3).

Nesse sentido, Roberto afirma que além de estar sendo uma experiência boa, às vezes é complicado devido à idade como podemos notar nas falas a seguir:

“Tá sendo boa, tá ótimo assim. Tá é complicado né tu sabe, porque mais velho assim é, cansaço não é muito barbada não” (Roberto, casal – 5).

Podemos perceber que para um dos participantes esta fase está sendo boa, mas ele relata que esta experiência está um pouco complicada pois avalia que sua idade está interferindo. Esse resultado vai ao encontro da pesquisa feita por Colleti e Scorsolini-Comin (2015), que indicou um dos desafios na experiência da parentalidade tardia associado a idade avançada envolvendo limitações físicas. Ainda

assim, para a maioria dos pais a experiência está sendo gratificante, eles estão se sentindo felizes neste novo ciclo, realidade postulada pelos autores Guedes et al. (2011; 2013) e Langdrige et al. (2005), que afirmam que esta fase é marcada pela grande intensidade emocional/psicológica e que a vinda de um filho traz alegria e felicidade gerada pela tarefa de ensinar e educar seus filhos (Cassidy & Sintrovani, 2008; Guedes, et al., 2011; 2013; Miller, 1995).

Maternidade

Esta subcategoria abrange falas de como está sendo a experiência da maternidade na visão das mães. Para Júlia e Paula a experiência da maternidade além de estar sendo boa, é marcada também pelo cansaço como podemos notar a seguir:

“Ah é fascinante, é cansativo, mas é fascinante não tem explicação, a tua vida muda, muda para melhor eu acho que tu amadurece mais e tu tem uma responsabilidade a mais e uma baita de uma preocupação a mais” (Paula, casal – 1).

“Maravilhosa, cansativa, tem dias que ah, cansaço assim né...” (Júlia, casal – 5).

As falas anteriores corroboram os autores Bárcia e Veríssimo (2010), que caracterizam esta fase como sendo intensa de sentimentos, pois há aspectos tanto positivos como negativos. De um lado, a alegria de ser mãe/pai, mas em associação há cansaço, a responsabilidade e as preocupações em relação ao seu desempenho como mãe (Brage Hudson, Campbell-Grossman, Elek, Fleck, & Shipman, 2003; Goetting, 1986; Martin, Halverson, Wampler, & Howlett-Wright, 1991; Pancer, Pratt, Hunsberger & Gallant, 2000; Pridham & Chang, 1992; Waldron-Hennessey & Sabatelli; 1997). Em um estudo qualitativo feito por Ferrari, Piccinini e Lopes (2007), os resultados indicaram que as mulheres tinham muitas expectativas, medos e fantasias em relação ao seu próprio desempenho como mãe.

Nesse sentido, para Leticia e Maria a maternidade trouxe medo e insegurança, mas a cada dia é uma descoberta e estão conseguindo lidar com esta experiência como mostram as falas a seguir:

“É diferente, é uma coisa nova que dá medo, as vezes tu acha que é a melhor mãe do mundo, as vezes tu acha que é a pior... tem dias que a gente se sente muito bem e tem dias que a gente acha que é incapaz que não vai conseguir,(...) é uma coisa que muda minha vida totalmente não consigo pensar, planejar nada sem pensar nela” (Leticia, casal – 3).

“É tudo muita descoberta sabe, aquela coisa assim de tu, as pessoas te falam uma coisa, aí tu vai ver muitas delas são totalmente diferente contigo, assim da tua experiência, sabe?(...)Uma expectativa monstruosa e aí quando vê eu consigo tirar de letra sabe, não de letra de letra, mas enfim, mas consigo lidar razoavelmente com a situação” (Maria, casal – 2).

Corroborando Papalia e Olds (2000), tanto os pais como as mães sentem-se ambivalentes pois essa nova experiência gera ansiedade em ambos, sobre os cuidados de uma criança. A pesquisa feita por Simas et al. (2013), identificou nas primíparas, que a inexperiência trouxe incertezas. No estudo de Premberg et al. (2008), nas primeiras semanas, os pais também estavam inseguros, mas conforme o tempo foi passando foram adquirindo experiência e satisfação (Barclay & Lupton, 1999; Premberg et al., 2008).

Podemos observar que as mães desse estudo, todas primíparas, se sentem mais ambivalentes e inseguras, e se cobram mais, se estão sendo boas mães ao contrário dos pais que relatam apenas satisfação e cansaço. A mulher, talvez, se sinta mais autorizada que o homem a expressar seus sentimentos.

Percepção de si no processo

Esta categoria apresenta e discute como cada genitor se vê no processo de Maternidade/Paternidade.

Visão da mãe

Houve concordância entre as mães, pois todas se veem implicadas no processo, se descrevem como dedicadas, responsáveis, como notamos nas falas abaixo:

“Vou te dizer assim ó... bem responsável, tranquila [...]” (Paula, casal – 1).

“Então uma pessoa bem preocupada com o bem estar dela [...]” (Maria, casal – 2).

“Eu tento fazer o melhor que eu posso pra ela, tudo pensando no bem-estar dela” (Leticia, casal – 3).

“Eu me acho bem dedicada, muito preocupada, eu não me sinto possessiva, até achei que ia ficar muito, sou muito amorosa, se eu não sinto cheiro dela no dia, chega a me dar uma dor no peito” (Célia, casal – 4).

Júlia relata que sempre que vê algo na rua pensa em sua filha, vive para ela, como notamos no trecho abaixo:

“Ah eu vivo em função dela né, como é que eu vou dizer, eu to sempre, eu to na rua eu to vendo um troço, eu to pensando, eu vejo um jornal ah tem tal peça, sempre com ela na cabeça assim sabe” (Júlia, casal – 5).

Todas mães se sentem implicadas no processo da maternidade, podemos notar que as participantes relatam fazer seu melhor pois a maternidade foi algo planejado. Esses conteúdos corroboram o postulado pelos autores Johnston e Swanson (2006) e Monteiro (2005) que o significado de boa mãe é aquela que ama, cuida, e que estão sempre vigilantes, atentas às necessidades dos filhos. Cabe ressaltar que essas ideias reforçam o mito de boa mãe, exemplar e perfeita que permanece vivo na contemporaneidade e que repercute nas exigências que as mulheres se impõe de atender a essas expectativas.

Visão do pai

Esta subcategoria tem por objetivo contemplar como o pai está se vendo no processo de paternidade pela primeira vez. Todos pais se descreveram como bons pais, presentes na vida de seus filhos, como podemos notar nas falas abaixo:

“Um paizão, super protetor, não deixo uma mosca encostar nele, sem noção” (César, casal – 1).

“Um pai participativo e orgulhoso” (Júlio, casal – 2).

“Brincalhão, sou muito brincalhão” (Marcos, casal – 3).

“Ah eu procuro, eu sou muito coruja, eu me preocupo muito [...]” (Renato, casal – 4).

“Eu acho que sou um bom pai, eu acho que sou presente” (Roberto, casal – 5).

Essas falas vão ao encontro do que Genesoni e Tallandini (2009) referem que apesar da ideia no imaginário popular de que a mãe é a principal responsável pelos cuidados do lar e dos filhos, os pais vêm participando cada vez mais assiduamente nos cuidados com a prole, refletindo em uma paternidade de qualidade. Esses resultados são importantes pois reforçam a mudança no envolvimento dos pais. De acordo com a literatura, é esperado que a paternidade signifique um momento especial na vida dos homens, pois envolve mudanças e readaptações no sistema familiar (Minuchin, 1990). A efetiva participação dos homens no cuidado com os filhos auxilia no processo de transição para a parentalidade, já que com o surgimento do subsistema parental, o casal precisa se adaptar a vida com filhos e, quanto mais apoiarem-se nesse processo, maior satisfação vivenciarão.

Dificuldades

Esta categoria abrange as dificuldades que os casais estão sentindo frente a parentalidade.

Paula relata que a maior dificuldade que está sentindo é em relação ao choro do seu filho, que às vezes não sabe o que é, já seu marido diz não sentir dificuldade, como mostram as falas a seguir:

“Ai, quando ele chora muito, eu não sei o que fazer, essa é a maior dificuldade que eu tenho, dele não poder me dizer onde está doendo, daí a angústia que ele tem passa pra gente assim, daí acho que a angústia que a gente tem também passa pra ele, as emoções se cruzam aí” (Paula, casal – 1).

“Olha até agora não, nenhuma dificuldade” (César, casal – 1)

Ao contrário, Maria está com dificuldades em relação a ida da sua filha para escola, como nota-se a seguir:

“Então assim, eu tô naquela fase, de ansiedade pré-escolinha, então eu tô pensando, porque eu tenho que retornar pra enfermagem, daí aquela coisa quando eu estava grávida sempre pensava vai pra escolinha, vai conviver com outras pessoas, vai aprender a dividir, mas daí é diferente quando ela tá aqui do lado de fora, será que vão cuidar bem, como será que é a rotina deles?” (Maria, casal – 2).

Já seu marido ainda não identificou nenhuma dificuldade, mas ressalta a adaptação da rotina da família, como notamos na fala abaixo:

“Nada de muito importante, basicamente é me acostumar com a rotina da família” (Júlio, casal – 2).

Leticia está sentindo dificuldades em relação à rotina, de não poder arrumar a casa, pois ela conta com ajuda de uma secretária, e também em relação a saídas. Ela relata que com bebê fica mais difícil ir a algum lugar:

“Eu acho que mais em termos de, que gostava de cuidar da minha casa de fazer as minhas coisas, hoje eu peço pra uma pessoa que vem aqui em casa e faz e às vezes não fica do jeito que tu quer. As vezes de noite tu quer sair pra comer alguma coisa a gente já não pode por causa dela, sabe essas pequenas coisinhas que a gente fazia quando era só os dois que agora pega, né?” (Leticia, casal – 3).

Já seu marido, como os anteriores, não está vendo dificuldades neste processo, como notamos a seguir:

“Assim que perceba aparentemente não, posso até ter, mas por enquanto não apareceu ainda” (Marcos, casal – 3).

Ao contrário dos casais anteriores, Célia e Júlia relatam que a sua maior dificuldade é a cansaço físico, já seus maridos, como os outros, não veem dificuldades. Como podemos perceber a seguir:

“Ahh... cansaço físico” (Célia, casal – 4).

“Dificuldades é tudo em relação a cansaço e tempo [...] Então eu to sempre pra começar uma coisa e paro, aí meu Deus, e daí ela fica doentinha, aí não dorme direito uma noite” (Júlia, casal – 5).

“Não, dificuldade nenhuma” (Renato, casal – 4).

“Não, por enquanto” (Roberto, casal – 5).

Notamos nesta categoria que os pais não relatam estar sentindo dificuldades no processo da parentalidade ao contrário das mães, que reportam sentir muito mais. Podemos considerar que isso pode estar associado ao maior envolvimento da mãe no processo de cuidados do filho. Apesar do pai estar mais presente a mãe ainda é a principal cuidadora (Balancho, 2004; Bossardi, 2011; Fagan, 1997; Monteiro, Veríssimo, Santos, & Vaughn, 2008; Nunes & Vieira, 2009; Staudt & Wagner, 2008; Wall & Arnold, 2007) e encarregada das tarefas domésticas (Balancho, 2004; Bossardi, 2011; Staudt & Wagner, 2008). Os resultados apontaram que apesar de sentirem a maternidade como algo divino, as mães tiveram dificuldades em cuidar do filho recém-nascido por despreparo, medo, falta de conhecimento e experiência. Ainda, no estudo de Cecílio e Scorsolini-Comin (2016), os resultados evidenciaram que os casais apresentaram maior dificuldade durante a gestação, experimentando

sentimentos ambivalentes, ao contrário neste estudo estão mais evidentes as dificuldades das mães após o nascimento do(a) filho(a).

Percepção do cônjuge no processo

Esta categoria tem por finalidade mostrar como cada genitor está vendo o outro neste processo de ser mãe/pai pela primeira vez.

Visão do pai

Houve concordância entre todos entrevistados, todos afirmam que suas esposas estão sendo ótimas como mães. As falas abaixo ilustram suas percepções:

“Uma mãezona, um exemplo de mãe, muito prestativa em tudo” (César, casal – 1).

“Ótima” (Júlio, casal – 2).

Marcos descreve a esposa, como sendo uma mãe carinhosa:

“Ela é bem carinhosa, e aos pouquinhos como eu, ela tá aprendendo também, porque é primeiro filho, nós não temos aquela prática, ela tá se saindo muito bem” (Marcos, casal – 3).

Renato está vendo a esposa como uma mãe dedicada:

“Ahh... ela é muito dedicada” (Renato, casal – 4).

Para Roberto além de sua esposa estar sendo uma “mãezona” ele diz que a filha e sua mulher são apaixonadas e que as vezes sente medo deste amor, como vemos nas falas a seguir:

“Ah eu acho que ela é super bem mãe assim, é mãezona, e a Luiza ama ela assim, coisa de louco, dá até medo sabe?” (Roberto, casal – 5).

Esta concordância entre os entrevistados parece refletir o quanto estes casais estavam preparados para a parentalidade, pois a vinda de um filho marca um novo ciclo na vida do casal, já que este bebê vai necessitar de cuidados, e deve haver apoio entre os cônjuges, sabendo dividir as funções. De acordo com a teoria sistêmica, ajustes são necessários para a criação de um espaço para a entrada desse novo membro na família (Carter & McGoldrick, 1995; Minuchin, 1990). Parece que a opção pela gestação após os 35 anos deu espaço para o amadurecimento da escolha e, em consequência, maior tranquilidade para enfrentar o processo.

Visão da mãe

Nesta subcategoria também houve concordância por parte de todas mães. Elas estão vendo de forma muito positiva seus maridos como pais pela primeira vez.

Na visão de Maria e Paula, além delas estarem vendo seus maridos como bons pais, justificam que os mesmos dividem as tarefas com elas, como é enunciado nas falas a seguir:

“Fantástico, ele tá me ajudando bastante, ele troca, ele dá de mamar, ajuda quando eu estou cansada” (Paula, casal – 1).

“Ele está sendo um pai bem presente assim, então até faço questão de deixar assim, de noite quando ele chega ou nos fins de semanas mais, porque pra sabe dar espaço que ele participe como pai” (Maria, casal – 2).

Leticia também está vendo seu marido como um bom pai, que apesar dele não ter crianças na família, Leticia relata que ele está se saindo bem, como podemos notar na fala abaixo:

“Ele é um bom pai, ele não teve crianças na família, ele não teve contato, então assim, ele não sabia nem pegar uma criança no colo, e isso com Rafa ele ta aprendendo, ele ta cada dia melhorando” (Leticia, casal – 3).

Ao contrário, Júlia relata que já sabia que ele ia ser um bom pai por ter crianças na família:

“Ah, eu, muito bom né, eu já sabia que ele ia ser um bom pai porque eu já via ele antes né com os guris, os sobrinhos, eu acho ele muito bom pai, só as vezes preocupado em excesso” (Júlia, casal – 5).

Célia vê seu marido também como um pai dedicado, que chega do trabalho, mesmo cansado brinca com a filha, como notamos nas falas a seguir:

“Muito querido, muito dedicado, ele se joga no chão pra brincar com ela, não importa se ele chega cansado, eu acho que ta sendo uma experiência rica pra ele, porque parece que ele ta curtindo muito” (Célia, casal – 4).

Todas mães relatam que seus parceiros estão sendo presentes, ajudando nos cuidados com o (a) filho (a) e também nas tarefas domésticas. Parker (1996) declara que o processo de engajamento dos pais no primeiro ano de vida do bebê, em relação as perspectivas da mãe, não define se haverá menor ou maior envolvimento do pai no processo, mas pode influenciar no nível de estresse e satisfação conjugal, destacado como de grande influência. Esses resultados contradizem o estudo de Dessen e Oliveira (2013) que apontaram que os pais foram percebidos como pouco participativos, mas que as mães se encontravam satisfeitas. Podemos notar nas falas das participantes do presente estudo que os pais são percebidos como muito envolvidos na criação de seus filhos.

Considerações Finais

Este artigo teve por objetivo compreender a experiência da parentalidade tardia na percepção de pais e mães. Esta investigação acrescenta uma descrição das experiências dos pais e das mães durante o primeiro ano de vida da criança, o que considera-se ter sido alcançado. Porém, salientamos que os achados precisam ser compreendidos circunscritos a uma amostra reduzida e de nível socioeconômico médio.

Os resultados mostraram que a experiência da parentalidade tanto para os pais como para mães está sendo única, pois foi algo planejado e que ambos desejavam, por mais que dificuldades vinculadas à idade e cansaço apareçam em algum momento, os casais estão conseguindo adaptar-se. No que tange como cada genitor percebe o outro no processo, todos estão vendo seus parceiros como dedicados e participativos. O que mais chama a atenção, diferente de outros estudos, é que os pais estão se vendo mais participativos e amorosos, dado confirmado pelas esposas. Outro achado importante é planejamento da gestação, pois o casal decidiu junto pela parentalidade, o que parece ter se refletido na adaptabilidade de ambos na transição. Vale ressaltar que essa característica não diminuiu todas as dificuldades, especialmente no que envolve questões emocionais, físicas e até as questões de organização da casa.

Como limitações, chama atenção o caráter eminentemente positivo das experiências relatadas pelos participantes em um momento sabidamente desafiador aos casais. Talvez o tema parentalidade ainda enseje respostas de desejabilidade social dos participantes, vinculados ao mito do amor materno. De qualquer maneira, ressalta-se a importância do conhecimento e a compreensão das condições intervenientes neste processo, o qual é de suma relevância para as famílias e que vem

acompanhando as transformações sociais e por isso necessita de um olhar permanente dos investigadores da área.

Referências

- Balancho, L. S. F. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 2(22), 377–386. doi:10.14417/ap.198
- Bárcia, S., & Veríssimo, M. (2010). A importância da massagem do bebé para as atitudes face à maternidade. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 11(2), 271-281.
Retrieved from <https://goo.gl/Vv7bfy>
- Barclay, L., & Lupton, D. (1999). The experience of new fatherhood: a socio-cultural analysis. *Journal of Advanced Nursing*, 29(4), 1013-1020.
- Bauer, G., & Kneip, T. (2012). Fertility from a couple perspective: a test of competing decision rules on proceptive behaviour. *European Sociological Review Advance*, 12. doi:10.1093/esr/jcr095
- Bossardi, C. N. (2011). *Relação do engajamento parental e relacionamento conjugal no investimento com os filhos*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Bradt, J. O. (1995). Tornando-se pais: Famílias com filhos pequenos. In B. Carter, & M. McGoldrick (Eds.), *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- Brage Hudson, D., Campbell-Grossman, C., Elek, S., Fleck, M., & Shipman, A. (2003). Effects of the new parents network on first-time fathers' parenting satisfaction during the transition to parenthood. *Comprehensive Pediatric Nursing*, 26, 217–229.

- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. (Maria Adriana Veríssimo Veronese, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carvalho, J., & Caetano, A. B. (2011). Ser pai e mãe depois dos 30 anos: Motivações parentais. In *ESEP - Saúde e qualidade de vida: uma meta a atingir*. Porto: UNIESEP.
- Cassidy, T., & Sintrovani, P. (2008). Motives for parenthood, psychosocial factors and health in women undergoing IVF. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 26, 4-17. doi:10.1080/02646830701691392.
- Castelo Branco, D. V., Araújo Moreira, A. C., Siqueira, D. D. Á., Vasconcelos, L. C. A., & Fontenele, F. M. C. (2016). Primiparous mothers' perception about the late maternity. *Journal of Nursing UFPE on line*, 10(6), 2059-2065. doi:10.5205/01012007
- Cecílio, M. S., & Scorsolini-Comin, F. (2016). Adoptive and Biological Parenthoods and Their Impact on Marital Dynamics. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(1), 171-182. doi:10.1590/1982-3703003832015
- Cia, F., & Barham, E. J. (2009). O envolvimento paterno e o desenvolvimento social de crianças iniciando as atividades escolares. *Psicologia em Estudo*, 14(1), 67-74. doi:10.1590/S1413-73722009000100009
- Colleti, M., & Scorsolini-Comin, F. (2015). Pais de primeira viagem: a experiência da paternidade na meia-idade. *Psico*, 46(3), 374-385.
- Conselho Nacional de Saúde [CNS]. (2012). *Resolução CNS 466/2012, de 12 dez. 2012: Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos*. Brasília, Brasil.

- Dessen, M. A., & Oliveira, M. R. (2013). Envolvimento paterno durante o nascimento dos filhos: pai “real” e “ideal” na perspectiva materna. *Psicologia: reflexão e crítica*, 26(1), 184-192. doi:10.1590/S0102-79722013000100020
- Fagan, J. (1997). Patterns of mother and father involvement in day care. *Child & Youth Care Forum*, 26(2), 113–126. doi:10.1007/BF02589360
- Ferrari, A. G., Piccinini, C. A., & Lopes, R. C. (2007). O bebê imaginado na gestação: Aspectos teóricos e empíricos. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 305-313. doi:10.1590/S1413-73722007000200011
- Franco, M. (2005). *Análise de conteúdo*. 2a ed. Brasília: Líber Livro Editora.
- Genesoni, L., & Tallandini, M. A. (2009). Men’s psychological transition to fatherhood: an analysis of the literature, 1989–2008. *Birth*, 36(4), 305-317. doi:10.1111/j.1523-536X.2009.00358.x.
- Goetting, A. (1986). The developmental tasks of siblingship over the life cycle. *Journal of Marriage and the Family*, 703-714. doi:10.2307/352563
- Goulart Júnior, E., Feijó, M. R., Cunha, E. V., Corrêa, B. J., & Gouveia, P. A. E. S. (2013). Exigências familiares e do trabalho: Um equilíbrio necessário para a saúde de trabalhadores e organizações. *Pensando Famílias*, 17(1), 110-122. Retrieved from <https://goo.gl/spVpF1>
- Guedes, M., Carvalho, P., Pires, R., & Canavarro, M. C. (2011). Uma abordagem qualitativa às motivações positivas e negativas para a parentalidade. *Análise Psicológica*, 4(29), 535–551.
- Guedes, M., Pereira, M., Pires, R., Carvalho, P., & Canavarro, M. C. (2013). Childbearing motivations scale: Construction of a new measure and its preliminary psychometric properties. *Journal of Child and Family Studies*, 24(1), 180–194. doi:10.1007/s10826-013-9824-0

- Hener, T. (2010). Do couples bargain over fertility? Evidence based on child preference data. *Ifo Working Paper*, (92). Retrieved from <https://goo.gl/OyKUqe>
- Hutteman, R., Bleidorn, W., Penke, L., & Denissen, J. J. A. (2013). It Takes two: a longitudinal dyadic study on predictors of fertility outcomes. *Journal of Personality*, *81*(5), 487-498. doi:10.1111/jopy.12006.
- Johnston, D., & Swanson, D. (2006). Constructing the 'good mother': The experience of mothering ideologies by work status. *Sex Roles*, *54*(7-8), 509-519. doi:10.1007/s11199-006-9021-3
- Langdrige, D., Sheeran, P., & Connolly, K. (2005). Understanding the reasons for parenthood. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, *23*(2), 121-133.
- Martin, P., Halverson, C., Wampler, K., & Hollett-W right, N. (1991). Intergenerational differences in parenting styles and goals. *International Journal of Behavioural Development*, *14*(2), 195-207. doi:10.1177/016502549101400205
- Matias, M., Silva, A., & Fontaine, A. M. (2011). Conciliação de papéis e parentalidade: Efeitos de gênero e estatuto parental. *Exedra*, *5*, 57-76. Retrieved from <https://goo.gl/XI0jtb>
- Miller, W. B. (1995). Childbearing motivation and its measurement. *Journal of Biosocial Science*, *27*(4), 473-485. doi:10.1017/S0021932000023087
- Minayo, M. C. S. (1994). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (3a ed). São Paulo: Hucitec.
- Minuchin, S. (1990). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Monteiro, C. M. V. R., & Medeiros, M. P. (2015). O Desejo de Ter Filhos na Mulher Contemporânea. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, *14*(1), 65-69. doi:10.17921/2447-8733.2013v14n1p%25p

- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 26(3), 395–409. Retrieved from <https://goo.gl/EUX7By>
- Monteiro, R. (2005). *O que dizem as mães: Mulheres trabalhadoras e suas experiências*. Coimbra, Portugal: Quarteto.
- Múltipara. (2016). *Dicio, Dicionário Online de Português*. Retrieved from <https://www.dicio.com.br/multipara/>
- Nascimento, F., & Térzis, A. (2010). Adiamento do projeto parental: Um estudo psicanalítico com casais que enfrentam a esterilidade. *Psicologia em Revista*, 16(1), 103-124. Retrieved from <https://goo.gl/n9ppTJ>
- Núcleo de Infância e Família [NUDIF]. (1999a). *Entrevista sobre a Experiência da Maternidade*. Unpublished Instrument, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- Núcleo de Infância e Família [NUDIF]. (1999b). *Entrevista sobre a Experiência da Paternidade*. Unpublished Instrument, Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Brasil.
- Nunes, S. A. N., & Vieira, M. L. (2009). Fundamentos históricos e epistemológicos no estudo do comportamento paterno. *Psicologia Argumento*, 27(57), 103–115. Retrieved from <https://goo.gl/c9nLRI>
- Pancer, S., Pratt, M., Hunsberger, B., & Gallant, M. (2000). Thinking ahead: Complexity of expectations and the transition to parenthood. *Journal of Personality*, 68(2), 253-280. doi:10.1111/1467-6494.00097
- Papalia, E. D., & Olds, S. W. (2000). *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed.

- Parker, R. D. (1996). *Fatherhood*. London: Harvard University Press.
- Pinquart, M., Stotzka, C., & Silbereisen, R. K. (2010). Ambivalence In decisions about childbearing. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 28(2), 212-220. doi:10.1080/02646830903295034
- Premberg, A., Hellstrom, A. L., & Berg, M. (2008). Experiences of the first year as father. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 22(1), 56–63. doi:10.1111/j.1471-6712.2007.00584.x.
- Pridham, K., & Chang, A. (1992). Transition to being the mother of a new infant in the first 3 months: maternal problem solving and self-appraisals. *Journal of Advanced Nursing*, 17, 204- 216. doi:10.1111/j.1365-2648.1992.tb01875.x
- Primípara. (2016). *Dicio, Dicionário Online de Português*. Retrieved from <https://www.dicio.com.br/primipara/>
- Scavone, L. (2001). Maternidade: Transformações na família e nas relações de gênero. *Interface _ Comunicação, Saúde, Educação*, 5(8), 47–60. doi:10.1590/S1414-32832001000100004
- Schupp, T. R. (2006). *Gravidez após os 40 anos de idade: análise dos fatores prognósticos para resultados maternos e perinatais diversos*. São Paulo: USP.
- Severiano, M. F. V. (2013). A juventude em tempos acelerados: Reflexões sobre consumo, indústria cultural e tecnologias informacionais. *Política e Trabalho*, 38, 271-286. Retrieved from <https://goo.gl/T8A6g1>
- Simas, F. B., Souza, L. V., & Scorsolini-Comin, F. (2013). Significados da gravidez e da maternidade: discursos de primíparas e multíparas. *Psicologia: teoria e prática*, 15(1), 19-34. Retrieved from <https://goo.gl/krR9HE>
- Stake, R. (2011). *Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Porto Alegre: Penso.

- Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 174–185. Retrieved from <https://goo.gl/UPRjvi>
- Testa, M. R., Cavalli, L., & Rosina, A. (2014). The effect of couple Disagreement about child – timing intentions: a parity – specific approach. *Population and Development Review*, 40(1), 31-53. doi:10.1111/j.1728-4457.2014.00649.x
- Travassos-Rodriguez, F., & Féres-Carneiro, T. (2013). Maternidade tardia e ambivalência: Algumas reflexões. *Tempo Psicanalítico*, 45(1), 111-121. Retrieved from <https://goo.gl/ZdRBWe>
- Waldron-Hennessey, R., & Sabatelli, R. (1997). The parental comparison level index: a measure for assessing parental rewards and costs relative to expectations. *Journal of Marriage and the Family*, 59, 824-833. Retrieved from <https://goo.gl/aku9MK>
- Wall, G., & Arnold, S. (2007). How involved is involved fathering?: An exploration of the contemporary culture of fatherhood. *Gender & Society*, 21(4),508-527. doi:10.1177/0891243207304973

Artigo II

Conjugalidade e Coparentalidade Tardia em Casais de Dupla Carreira

Resumo

O objetivo deste estudo foi compreender a transição da conjugalidade para a coparentalidade tardia em casais com dupla carreira. Esta pesquisa teve âmbito exploratório e descritivo, com método de análise de dados qualitativo. Participaram cinco casais heterossexuais casados ou morando juntos há mais de dois anos, ambos com atuação profissional, com filho primogênito de até um ano de idade, e todas as mulheres tiveram filho acima dos 35 anos. Como critério de exclusão os participantes não poderiam ter passado por nenhum tipo de tratamento de fertilização. Os instrumentos utilizados foram: questionário de dados sociodemográficos, uma entrevista semiestruturada sobre a coparentalidade (NIEPED, 2006). Os resultados apontaram modificações nas relações conjugais e coparentais. O pai se mostrou bastante presente durante a gestação e principalmente após o nascimento do filho, dividindo as tarefas de cuidados com sua esposa, como também as tarefas do lar, refletindo altos níveis de acordo coparental e em consequência de boa qualidade conjugal. Os casais deste estudo têm uma grande carga horaria de trabalho mas a maioria deles mostraram-se satisfeitos com o emprego por terem flexibilidade assim podendo conciliar a carreira com a maternidade/paternidade.

Palavras-chave: Coparentalidade, gestação tardia, casais com dupla carreira.

Conjugality and Late Coparenting in Dual Career Couples

Abstract

The present study aimed to understand the transition from conjugality to late coparenting in dual career-couples. Five heterosexual couples married or cohabiting for over two years, in which women got pregnant after aging 35 years old, both spouses displaying professional activities, and having a firstborn child aged up to one year old participated in the study. Exclusion criterion was participants who have undergone any type of fertilization treatment. The employed instruments were a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview on coparenting (NIEPED, 2006). The results point out changes in marital and coparenting relationships. Fathers demonstrated to be collaborative throughout gestation period and mainly after child's birth, splitting care tasks with his wife, as well as home tasks, which reflected in high levels of coparenting agreements as a consequence of good marital quality. Although investigated couples demonstrated high workloads, the majority of them seemed satisfied about their jobs due employment flexibility, thus parents were able to conciliate their career with maternity/paternity.

Keywords: Coparenting; Late Gestation; Dual Career Couples.

Introdução

A transição da conjugalidade para a coparentalidade é um momento de grande importância no ciclo vital familiar, pois demanda uma reorganização do casal, já que gera alterações na imagem de si, do outro e da própria relação (Prati & Koller, 2011). Esse momento do ciclo evolutivo vital, enfocando a parentalidade, vem sendo estudado no contexto nacional e internacional há mais de 30 anos e os resultados indicam a importância do apoio emocional entre os cônjuges nesse momento, assim como o envolvimento de ambos no processo (Dorsey, Forehand, & Brody, 2007; Madden-Derdich, Leonard, & Christopher, 1999; Schoppe, Mangelsdorf, & Frosch, 2001; Teubert & Piquart, 2010; Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes, & Tudge, 2004; Piccinini, Gomes, Nardi, & Lopes, 2008; Menezes & Lopes, 2007; Lee & Doherty, 2007; Silva & Piccinini, 2007; Beltrame & Botolli, 2010).

Especificamente acerca da transição para a coparentalidade, os estudos ainda são escassos. Sustenta-se a relevância de se estudar essa dimensão nesse processo, uma vez que, diferentemente da parentalidade, é um construto de natureza relacional entre os cônjuges/genitores. Para Feinberg (2003), a coparentalidade é entendida como uma partilha entre o casal no cuidado e nos deveres do (a) filho(a). O autor define que o subsistema coparental é formado com base em quatro dimensões: acordo ou desacordo nas práticas parentais, divisão do trabalho relacionado à criança, suporte/sabotagem do papel coparental e gestão conjunta das relações familiares.

Este constructo difere do relacionamento conjugal, pois não contempla os aspectos legais, românticos, sexuais, emocionais e/ou financeiros da relação conjugal, os quais não tem relação com os cuidados da criança (Feinberg, 2003; Holland & McElwain, 2013; Jia & Schoppe-Sullivan, 2011), assim como é distinto da

parentalidade, pois não se restringe aos estilos e práticas educativas do pai e da mãe em relação aos filhos (McHale et al., 2002; McHale, Kuersten-Hogan, Lauretti, & Talbot, 2001).

Segundo a literatura, apesar de distinto da conjugalidade, os níveis de qualidade da coparentalidade decorrem da articulação entre características da relação conjugal e da parentalidade que resultarão na dinâmica coparental exercida entre os genitores (Morris, Hines, Mahmood, & Cordova, 2010). Nesse sentido, o apoio emocional entre os cônjuges tem sido destacado como de grande importância para a relação conjugal durante a gravidez, pois terá reflexos após o nascimento do bebê.

O estudo de Menezes e Lopes (2007), realizado no contexto nacional, teve abordagem qualitativa e o de Lee e Doherty (2007), desenvolvido em contexto internacional, teve abordagem quantitativa, mas ambos foram longitudinais e objetivaram avaliar a relação conjugal na transição para a parentalidade e o posterior envolvimento dos pais com seus filhos. Os resultados de ambos mostraram que altos níveis de qualidade conjugal, na transição para parentalidade, são essenciais, pois estão associados ao maior envolvimento do pai com os filhos. Ressalta-se que o estabelecimento dessa dinâmica deve ser anterior à transição, já que as dificuldades inerentes ao processo são inevitáveis.

Assim, identifica-se que é consenso na literatura a importância da conjugalidade na transição para coparentalidade e em consequência para o ajustamento psicológico das crianças e o funcionamento familiar (Dorsey et al., 2007; Madden-Derdich et al., 1999; Schoppe et al., 2001; Teubert & Pinquart, 2010; Lamela, Nunes-Costa, & Figueiredo, 2010). Entretanto, esse subsistema precisa ser compreendido em um contexto atual de múltiplas demandas. Os casais, na atualidade,

estão conciliando a vida pessoal, conjugal, familiar e profissional, o que acarreta em sobrecarga, consequência da multiplicidade de papéis (Lamela et al., 2010).

Questiona-se, então, como ocorre a transição da conjugalidade para a coparentalidade no contexto de dupla-carreira dos cônjuges, uma vez que, atualmente, a maior parte de homens e mulheres estão trabalhando em turno integral (Rocha-Coutinho, 2005; Heckler & Mosmann, 2014). Além de trabalhar fora, o casal tem que lidar com o trabalho doméstico, tentando conciliar os dois. Demandas da vida pessoal, conjugal, profissional e também os cuidados com os filhos geram desafios de todos os lados: sobrecarga de trabalho, estresse, busca pelo sucesso profissional, atividades dentro e fora do lar, ocasionando perda de energia ou cansaço no papel familiar e domiciliar, entre outras questões (Guimarães & Petean, 2012; Jablonski & Saldanha da Silva, 2011; Aryee, Srinivas, & Tan, 2005; Demerouti, Bakker, & Schaufeli 2005).

O equilíbrio entre a vida profissional e familiar caracteriza-se como um dos maiores desafios na vida das famílias de duplo-emprego ou de dupla carreira, o que tem levado muitos casais a adiar a maternidade/paternidade. Há estudos indicando que muitas mulheres estão postergando ter filhos, pois querem primeiro se estabilizar financeiramente, focadas em solidificar a carreira e obter sucesso profissional para, só depois, pensar em engravidar. Esta prorrogação da maternidade é feita até que se tenha a condição que o casal considera apropriada para esta responsabilidade ou, até mesmo, a opção pela não maternidade (Patias & Buenas, 2012; Carvalho & Almeida, 2003; Barbosa & Rocha-Coutinho, 2007; Szapiro & Féres-Carneiro, 2002; Edwards & Rothbard, 2000; Frone, 2000; Grzywacz, Almeida, & McDonald, 2002; Milkie & Peltola, 1999; Voydanoff, 1999).

O adiamento da maternidade/paternidade também tem ocorrido por opções não referentes à vida profissional, como mostra a pesquisa feita por Ronchi e Avellar

(2011) na cidade de Vitória (ES). Essa teve por objetivo descrever as características da fase de aquisição, primeira fase do ciclo vital familiar (Carter & McGoldrick, 1995), em 50 famílias de classe média. Os resultados indicaram que a decisão por ter filhos mais tarde foi tanto da mulher quanto do homem, vinculada ao desejo de realizar outros planos antes de ingressar na parentalidade.

Nesse contexto, são inúmeras as causas para as gestações tardias, definidas na literatura por ocorrer acima dos 35 anos (Schupp, 2006). Destaca-se a extensa disponibilidade de métodos contraceptivos, o tardar do matrimônio, a maior incidência de divórcios, a vontade de alcançar um nível educacional e profissional mais elevado, de conquistar segurança e independência financeira, de realizar sonhos, desfrutar de viagens e entretenimento e o aprimoramento de técnicas de fertilização artificial (Tarin, Brines, & Cano, 1998; Zavaschi, Costa, Brunstein, Kruter, & Estrella, 1999).

Portanto, destaca-se que a possibilidade de escolha nas distintas áreas de vida dos casais vem expressando transformações no espaço conjugal e familiar que agregam ao universo masculino as questões relacionadas à opção por ter filhos, antes mais restrita às mulheres (Gomes & Resende, 2004; Furstenberg Júnior, 2010). Essas novas dinâmicas ainda necessitam ser estudadas, já que os resultados do estudo de Carmichael e Whitakker (2007), por exemplo, indicam que alguns relacionamentos chegaram ao fim em função da falta de acordo entre os cônjuges acerca da decisão pela parentalidade.

Da mesma forma, no estudo de Bauer e Kneip (2012), a tomada de decisão por filhos tardiamente entre casais esteve associada à consonância de desejos dos dois parceiros sobre a finalidade e o comportamento de fecundidade. Para os autores, essa decisão não é prerrogativa das mulheres, e sustentam que um parceiro somente irá se

opor a vontade de não ter filhos se esta for expressiva. Por outro lado, ao decidirem pela parentalidade, estudos indicam que o desejo de homens e mulheres pela gravidez, assim como bons níveis de qualidade conjugal trazem maiores níveis de ajuste coparental após o nascimento do filho (McHale & Rotman, 2007; Burney & Leerkes, 2010; Vanalli & Barham, 2012).

Esse ajuste aparece na literatura, também associado ao maior envolvimento paterno nesse contexto de múltiplas demandas (Piccinini et al., 2004; Silva & Piccinini, 2007; Beltrame & Botolli, 2010). Os resultados indicam que os cônjuges relatam prestar apoio emocional e material às suas esposas durante a gravidez e as mesmas revelam satisfação quando o marido as apoia nas atividades domésticas. Devido à grande jornada de trabalho, os cônjuges relatam que acabam tendo pouco tempo de lazer com os filhos, mas avaliam demonstrar-se afetivos e dizem que, quando estão presentes, compartilham com suas esposas as responsabilidades pelas crianças.

Embora a participação masculina nos cuidados com os filhos e nas tarefas do lar seja cada vez mais equilibrada com o envolvimento feminino (Blair & Johnson, 1992; Greenstein, 1996; Kluwer, Heesink, & Van de Vliert, 1996; Lavee & Katz, 2002; Coltrane, 2000; Dessen & Braz, 2000), as mulheres ainda se dedicam duas vezes mais que os homens: cuidar das crianças, lavar e passar roupas, fazer compras no supermercado, limpar a casa, entre outros. (Baxter, Hewitt, & Haynes, 2008; Gjerdingen & Center, 2003; Hernandez & Hutz, 2010; Vanalli & Barham, 2012).

Nesse sentido, questiona-se se, atualmente, a opção pela gestação após os 35 anos, com os cônjuges já estabilizados profissionalmente, pode ocorrer em um ambiente em que ambos possam dispor de mais tempo para o compartilhamento de tarefas após o nascimento dos filhos. Além disso, o suporte por parte do local de

trabalho torna-se fundamental. Os estudos de Barnett (1998) e de Jacobs e Gerson (2004) revelam que o apoio direto ou indireto da chefia acaba interferindo positivamente na redução de conflito profissional e familiar.

Os resultados de Oliveira, Galdino, Cunha e Paulino (2011) que analisaram qualitativamente a experiência da gravidez em mulheres após os 35 anos mostram que já consolidadas financeiramente e em uma união conjugal estável, essas mulheres puderam escolher diminuir sua carga horária de trabalho e tiveram condições de estar mais perto dos seus filhos. Os resultados do estudo de Cruz e Mosmann (no prelo), que objetivou compreender as percepções de casais sobre sua relação conjugal na transição para parentalidade no contexto de gestação planejada, corroboram essa perspectiva. Os casais relataram que o tempo de relacionamento anterior à parentalidade e o fato de já terem realizado seus planos acadêmicos e profissionais foram fundamentais para que ambos estivessem mais disponíveis e o processo de transição ocorresse de forma menos desgastante para o casal.

Por outro lado, alguns estudos relatam que as dificuldades no processo de transição para a coparentalidade seriam as mesmas do que em gestações de casais antes dos 35 anos. Esses casais referem as mesmas incertezas quanto à capacidade para cuidar de um bebê, destacando o cansaço físico devido às poucas horas de sono, agregadas às tarefas domésticas e, também, uma diminuição do investimento na carreira profissional, que implica em alto custo financeiro, reduzindo o poder aquisitivo daqueles que se tornam pais. O desgaste na relação conjugal seria uma das principais transformações, já que esses casais que demoram mais para ter filhos, na maioria das vezes, viveram um tempo significativo somente entre eles. Assim, o casal se ressentia mais por passar menos tempo a dois, o que se reflete na sexualidade (Soares, 2012; Matos & Magalhães, 2014).

Identifica-se que as implicações emocionais decorrentes desse contexto de gestação acima dos 35 anos e dupla-carreira na transição da conjugalidade para a coparentalidade ainda necessitam mais estudos nacionais. Considerando esse cenário de transformações, buscou-se investigar a transição da conjugalidade para a coparentalidade tardia em casais com dupla carreira.

Método

Delineamento

Foi realizada uma pesquisa qualitativa, exploratória. Ressalta-se que toda a pesquisa qualitativa é interpretativa por analisar múltiplos sentidos que determinam as relações humanas, sendo a relação pesquisador-participante componente fundamental da pesquisa (Stake, 2011).

Participantes

Participaram deste estudo cinco casais heterossexuais com filho primogênito, concebidos por mulheres com mais 35 anos, ambos com atuação profissional e residentes na região metropolitana de Porto Alegre. Foram critérios de inclusão: cônjuges que estivessem casados, ou morando juntos há, pelo menos, dois anos; tivessem apenas um filho de até um ano de idade; exercessem dupla carreira. Como critérios de exclusão, os participantes não poderiam ter passado por nenhum tipo de tratamento de fertilização, já que se buscava investigar casais que optaram pela gestação após os 35 anos, não sendo decorrência de nenhum impedimento biológico.

Como mostrado na Tabela 1, todos participantes apresentaram idades entre 33 a 56 anos, com carga horária de trabalho a partir de 35 horas semanais. Com relação a

escolaridade dos casais, dois concluíram o ensino médio, quatro possuem ensino técnico e quatro, graduação. Em relação ao estado civil, apenas um casal não está em união estável ou casado, apenas morando junto. Dos cinco casais participantes, três deles as mães encontravam-se em licença maternidade, e conseqüentemente as crianças estavam sob seus cuidados. Os outros dois casais, as crianças já frequentavam a escola.

Tabela 1
Caracterização Familiar

	Casal 1		Casal 2		Casal 3		Casal 4		Casal 5	
	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai
Idade	39	38	35	33	36	35	38	49	46	56
Escolaridade	Superior	Técnico	Superior	Superior	Técnico	Técnico	Técnico	Ensino médio	Superior	Ensino médio
Profissão	Professora	Técnico em enfermagem	Psicóloga	Bancário	Analista de RH	Eletrotécnico	Técnica em enfermagem	Fiscal Operacional Segurança	Funcionária pública	Comerciante
Carga horária de trabalho	40h semanais	60h semanais	40h semanais	40h semanais	50h semanais	45h semanais	60h semanais	50h semanais	35h semanais	45h semanais
Traz trabalho pra casa	Sim	Não	Não traz mais	Não	Não traz mais	Não	Não	Não	Não traz mais	Não
Estado civil	União estável		Casado		União estável		Casado		Morando junto	
Tempo de casamento	8 anos		13 anos		9 anos		8 anos		10 anos	
Número de filho(s)	1 filho		1 filho		1 filho		1 filho		1 filho	
Idade do(s) filho(s)	4 meses		3 meses		7 meses		1 ano		1 ano	
Ingresso na escola	-		-		-		Sim		Sim	
Quanto tempo	-		-		-		15 dias		3 meses	
Turno	-		-		-		Tarde		Manhã/Tarde	

Procedimentos éticos e coleta de dados

O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Após a aprovação sob parecer número 15/231 se deu início a coleta de dados (Apêndice A). O processo de seleção dos participantes foi feito por conveniência, por meio da indicação de pessoas que conheciam casais que tiveram filho após os 35 anos. Os participantes foram contatados por telefone, momento em que foram convidados a participar da pesquisa, em local e hora mais conveniente. Concordando em participar, o casal assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B). O presente estudo atendeu às exigências éticas contempladas na resolução para pesquisas com seres humanos (Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde [CNS]). O casal respondeu a entrevista sobre coparentalidade conjuntamente (NIEPED, 2006).

Instrumentos

Questionário de Dados Sociodemográficos (Apêndice C): desenvolvido pela autora da pesquisa, buscou a obtenção de informações sobre a família, como nível de escolaridade, tempo de relacionamento, informações profissionais.

Entrevista sobre coparentalidade (Apêndice F): a entrevista semiestruturada sobre coparentalidade contém trinta e uma questões e contempla os seguintes eixos: Conjugalidade, Compartilhamento de Cuidados, Engajamento em atividades com a família e Carreira. Foi desenvolvida pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Transtorno do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (NIEPED, 2006) e adaptada para contemplar o objetivo do presente estudo.

Procedimentos de análise dos dados

Utilizou-se a análise de conteúdo, que segundo Minayo (1994), é um procedimento de análise de dados que visa examinar a comunicação com o intuito de obter indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção das mensagens. As entrevistas gravadas e transcritas pela pesquisadora foram submetidas à análise de conteúdo, e as categorias definidas de forma mista, *a priori* e *a posteriori* (Franco, 2005). As categorias *a priori* foram baseadas na entrevista sobre coparentalidade e as *a posteriori* emergiram das entrevistas.

Resultados e Discussão

A estrutura das categorias e subcategorias utilizadas estão apresentadas na Tabela 2. As falas dos participantes foram transcritas na íntegra e discutidas à luz do referencial teórico proposto na introdução.

Tabela 2

Estrutura das Categorias e Subcategorias

Categorias	Subcategorias
Conjugalidade	Antes do nascimento do Filho(a)
	Após o nascimento do Filho(a)
Coparentalidade	Compartilhamento de tarefas relativas ao filho(a)
	Compartilhamento de tarefas domésticas
Dupla – Carreira/ Duplo – Trabalho	

Fonte: elaborado pela autora

Conjugalidade

Esta categoria aborda conteúdos referentes a como os casais se relacionavam antes e após a maternidade/paternidade, sua dinâmica conjugal, e as transformações após o nascimento do filho(a).

Antes do nascimento do filho(a)

Antes do nascimento do filho(a) Paula e César relatam que saíam bastante, eram ativos, participavam de um grupo de moto.

“A gente era bem ativo assim, a gente tinha encontro de moto que a gente participava, então a gente saía de moto pra lá e pra cá” (Paula, Casal – 1).

A fala de Maria corrobora essa ideia, “Em termos de relacionamento sim, agora em termos de vivência, é bem aquela coisa de rotina mesmo, que mudou. Ah, vamos, sei lá, num sábado agora à tarde: Vamos sair de noite? Vamos, sem paradeiro, sem dar satisfação” (Maria, Casal – 2).

O casal diz que antes de ter filho, não tinha horários certos para fazer as refeições, para dormir, como podemos notar nas falas a seguir:

“Horário, não tinha horário, não tinha nada assim certo” (Marcos, Casal – 3).

Célia e Renato confirmam essas ideias ao indicar que, antes de ter a sua filha, o casal focava em seus interesses, eram ativos, gostavam de viajar, como podemos notar nas falas:

“Ahh... a gente fazia o que queria na verdade” (Célia, casal – 4).

“A gente passeava, íamos viajar... assim...” (Renato, casal – 4).

Essas falas vão ao encontro dos resultados da pesquisa feita por Ronchi e Avellar (2011), na cidade de Vitória (ES), que apontaram que os casais atualmente desejam realizar outras atividades antes de ingressar na parentalidade, desfrutar de sua liberdade, realidade que também vivenciaram os casais do presente estudo.

Por outro lado, Maria e Júlio dizem que antes da gestação sua dinâmica não era muito diferente, que o que mudou foram questões da rotina, que agora é mais organizada, como expressam as falas:

“Não sei se muito diferente do que a gente é agora, na verdade, em termos de nível de relacionamento é basicamente a mesma coisa” (Júlio, Casal – 2).

Cabe ressaltar que, apesar dessas mudanças apontadas pelos cônjuges na transição da conjugalidade para coparentalidade, isso não se expressou em divergências e conflitos. Esse resultado corrobora as pesquisas de Menezes e Lopes (2007), e de Lee e Doherty (2007), em que os resultados mostraram que altos níveis de qualidade conjugal, na transição para parentalidade, são essenciais, para que se mantenha a satisfação com o relacionamento, apesar das dificuldades inerentes a esse processo. Entretanto, o estabelecimento dessa dinâmica deve ser anterior à transição. Parece que os casais do presente estudo já experimentavam bons níveis de satisfação conjugal antes do nascimento dos filhos, com conflitos inerentes a qualquer relacionamento a dois, como expresso na fala de Roberto.

“Era bom, era brigando, mas era bom” (Roberto, casal – 5).

Após o nascimento do filho(a)

Após o nascimento dos filhos, ocorrem conflitos esperados, mas que não impactam de forma significativa na satisfação conjugal, como explicita Marcos.

“De vez em quando acontece uma briguinha ou outra, mas isso é normal, mas fora isso tá sempre bem” (Marcos, Casal – 3).

Além de não relatarem altos níveis de conflito, os casais referem maiores níveis de satisfação após o nascimento do filho(a). Paula e César dizem que estão mais unidos após o nascimento do filho, experimentando maiores níveis de satisfação conjugal, como notamos a seguir:

“Mais unida ainda” (César, casal – 1).

Paula justifica que agora eles têm que trabalhar unidos cuidando do filho, assim que tiveram a notícia da gravidez a união ficou mais sólida, como a mesma relata:

“É porque a gente tem que trabalhar junto, cuida dele junto, então eu acho que a gente está mais unido ainda, a partir da hora que a gente ficou sabendo que eu estava grávida” (Paula, casal – 1).

Maria e Júlio argumentam que sua vida conjugal está bem, que sempre que podem conseguem sair e se distrair:

“Dentro do tempo que a gente consegue ficar junto, tá tudo bem, quando dá as avós estão por perto, a gente consegue deixar ela pra dar uma voltinha e tal” (Júlio, casal – 2).

Seguindo nesta mesma direção, Célia e Renato dizem que após o nascimento da filha estão com mais tarefas, mas se sentem satisfeitos com esta dinâmica nova:

“Olha... tá bem mais tumultuada, mas dá um sentimento que está completa” (Célia, casal – 4).

Estes dados vão ao encontro do estudo de Bossardi (2011) que quanto mais satisfeito com o relacionamento conjugal, mais o pai se envolve com cuidados básicos com os filhos, o que retroalimenta positivamente a dinâmica conjugal e familiar.

Por outro lado, Roberto indica que a mudança foi significativa na conjugalidade, especialmente a vida sexual ficando restrita em função da falta de tempo e do cansaço.

“Nossa, era muito intenso assim o negócio, era bem intenso, a gente tinha uma vida nossa bem diferente e hoje é quando da né, quando dá, quando não tá cansado” (Roberto, casal – 5).

As falas de Leticia e Marcos corroboram o casal anterior e descrevem que a vida sexual após o nascimento da filha está “parada”, pois em alguns momentos a filha acorda, e necessita de cuidados, como os mesmos relatam:

“Tá meio parado né amor? A gente namora quando dá, e também é difícil da gente sair” (Leticia, casal – 3).

Este período de transição é significativo no ciclo vital familiar pois gera alterações na imagem pessoal, do outro e da relação. Assim os cônjuges que antes podiam dispor de suas vidas e desejos, agora precisam se reorganizar e estabelecer novos papéis (Prati & Koller, 2011; Jager & Bottoli, 2011; Dessen, 1994).

Observa-se que todos casais relataram mudanças expressivas na conjugalidade, para alguns essa transformação aparece de forma mais incisiva, trazendo mais repercussões negativas. Isso porque o espaço conjugal, é o que sofre mais restrições, especialmente para esses casais que, por escolha, demoraram mais para ter filhos. Na maioria das vezes, viveram um tempo significativo somente entre eles. Assim, alguns casais se ressentem mais por passar menos tempo enquanto casal, o que se reflete na sexualidade e para outros não, a coparentalidade parece ter aproximado mais o casal, produzindo um sentimento de união no relacionamento a dois (Soares, 2012; Matos & Magalhães, 2014).

Coparentalidade

Esta categoria abrange questões relativas ao compartilhamento nos cuidados com o filho(a). Ao contrário da relação conjugal, a relação coparental é triádica, pois envolve o par parental e o filho(a) estabelecendo uma dinâmica específica (Feinberg, 2003; Holland & McElwain, 2013; Jia & Schoppe-Sullivan, 2011).

Paula e César expressam que dividem as tarefas relacionadas ao filho, não sobrecarregando um ou outro, como evidenciam as falas a seguir:

“Eu dou mamá, ele pega, faz arrotas, ou então ele dá banho e eu arrumo a cama, a gente tá bem dividindo nessa etapa assim não deixando tudo de um lado, se um vê que o outro tá cansado, pega o bebê e toma conta, e vai dormir, como ele fez quando ele chegou hoje, ele viu e ficou com o bebê e eu fui dormir, então estamos dividindo” (Paula, casal – 1).

Leticia e Marcos corroboram essa fala e dizem estar dividindo as tarefas em relação à filha, conforme o tempo que cada um dispõe:

“É porque assim, ele coloca roupa dela pra lavar e dobra roupa dela, às vezes eu coloco, às vezes eu dobro, ele fica com ela pra mim poder tomar banho, para mim comer, eu fico com ela, a única coisa assim que eu faço é a parte de dá banho e fazer a troca, mas o resto ele participa” (Leticia, casal – 3).

Célia e Renato também dividem as tarefas em relação à filha, mas referem que já faziam isto desde o início do relacionamento, antes do nascimento da filha:

“Se chega em casa e não conseguiu lavar a louça, eu vou dar um jeito de lavar a louça, vou esperar a Lara dormir vou lá e adianto o serviço” (Renato, casal – 4).

“É desde o início, sempre dividimos tudo, se eu não tive tempo de dar banho nela ele dá, tranquilamente” (Célia, casal – 4).

Maria e Júlio dizem não ter tarefas específicas de cada um, o que é mais específico é em relação à noite, que durante a semana Maria assume, e nos finais de semana Júlio toma conta da filha:

“Olha, a gente não tem tarefas específicas de um ou específicas de outro, a única coisa que a gente tem mais específico são as madrugadas durante a semana por causa do meu trabalho, aí nas madrugadas da semana ela cuida e nas madrugadas que não estão relacionadas que no dia seguinte não é dia útil aí eu dou uma folga pra ela, mas o resto das atividades com ela são bem divididas assim, na verdade é quem tá com ela no momento, pra não ficar tudo um no outro, um no outro” (Júlio, casal – 2).

Em relação às tarefas de buscar e levar o filho(a), ou ir a médicos, a maior parte dos casais também tem uma organização, que, em alguns casos, envolve a família extensa. No caso de Renato, que não tem como levar a filha para escola, pois está trabalhando, Célia assume este papel e, quando Renato está em casa, sempre busca a filha:

“Quanto ao levar, ele não tem como, porque ele tá trabalhando daí sempre é eu que levo com o apoio do meu pai e da minha mãe e pra buscar se ele está em casa ele vai” (Célia, casal – 4).

Roberto e Júlia são bem flexíveis, quando um não pode buscar, o casal se comunica:

“Por exemplo... na escolinha, levar eu levo” (Júlia, casal – 5).

“E eu busco. Mas não tem uma regra 100%” (Roberto, casal – 5).

“Outro dia ele me pede: não pode buscar ela hoje? Tá. Mas normalmente, tô dizendo, normalmente” (Júlia, casal – 5).

O casal Marcos e Leticia, em relação a levar e buscar a filha na vó, os dois fazem juntos:

“A gente vai e volta do trabalho juntos, então é os dois” (Leticia, casal – 3).

“Um deixa o outro no serviço e vai pro seu” (Marcos, casal – 3).

A coparentalidade é definida como um subsistema que envolve dois adultos que dividem a parentalidade em relação à uma criança, entendida como uma partilha entre o casal no cuidado e nos deveres da mesma (Margolin, Gordis, & John, 2001; Feinberg, 2003; Van Egeren & Hawkins 2004; McHale & Lindahl, 2011). Como podemos perceber, os casais mostram apoiar um ao outro nas tarefas em relação ao filho (a), havendo uma divisão entre os cônjuges. Esse apoio e suporte coparental, de acordo com a literatura, se expressa também em maiores níveis de satisfação conjugal e tem repercussão mais significativa do que cônjuges que dividem apenas as tarefas domésticas, mas não às relativas aos filhos (Piccinini et al., 2004; Silva & Piccinini, 2007; Beltrame & Botolli 2010). Dessa forma, a coparentalidade é de grande importância, compreendendo o equilíbrio entre o envolvimento paterno e materno, para a qualidade desse processo de transição.

Compartilhamento de tarefas domésticas

Essa subcategoria abrange como os casais tem dividido as tarefas domésticas após o nascimento do filho(a).

Alguns casais relatam uma divisão igualitária das tarefas domésticas. Paula diz que César realiza muito e até mesmo na gestação já fazia, por já ter perdido um bebê, a mesma estava com algumas limitações e com a barriga já grande, mas sempre que podia e pode faz.

“Quando estava grávida, eu não estava fazendo nada aqui dentro, ele estava fazendo tudo, o que eu podia eu fazia, porque estava bem grande a barriga e eu estava com muitas limitações, mas é dividido realmente” (Paula, casal – 1).

Marcos fica com os afazeres da comida, e responsável pela cachorra que o casal tem, enquanto Letícia toma conta da filha e da limpeza da casa:

“Ele lava louça de noite, arruma o café e eu fico com ela, ele tem a responsabilidade da cachorrinha dele, e eu fico com a Rafa, a limpeza assim da casa eu faço, eu varro, eu passo pano tiro pó, a gente tem uma pessoa que ajuda, mas no dia-a-dia a gente divide” (Leticia, casal – 3).

Célia e Renato também contam com ajuda de uma secretária do lar, mas relatam que no dia-a-dia os dois dividem:

“Tem uma moça que vai uma vez por mês que faz a faxina pesada mesmo, mas no dia-a-dia é nós dois” (Célia, casal – 4).

Em relação às tarefas domésticas, Maria e Júlio dizem dividir bem também, que nos momentos que um está assumindo a Mariana ou outro aproveita para fazer alguns afazeres domésticos:

“Quem não tá com a Mariana (risos), normalmente a gente vai dividindo assim, eu mais louça e roupa, ela mais passar pano essas coisas assim, também é meio revezamento assim” (Júlio, casal – 2).

Diferentemente dos outros casais, que contam com apenas algum auxílio nas tarefas domésticas, Júlia e Roberto tem ajuda em tempo integral. Uma babá cuida da filha diariamente e realiza também tarefas domésticas, e uma secretária do lar duas vezes por semana, que deixa tudo organizado, até mesmo a comida, pois Júlia diz não saber cozinhar, como representa a falar a seguir:

“Sem contar que eu nem sei né, nem sei fazer comida. Dai ela deixa comida pronta e, eu esquento e sirvo as coisas que têm, e dou comida pra ela.. Então assim, de casa a gente não tem tanta coisa” (Júlia, casal – 5).

Identifica-se que os homens de alguns casais desse estudo se empenham em igualdade às mulheres na tarefas do lar, em contraponto ao postulado por alguns autores (Baxter et al., 2008; Gjerdingen & Center, 2003; Hernandez & Hutz, 2010; Souza, Wagner, Branco, & Reichert, 2007), que relataram, que apesar do homem estar colaborando mais nas tarefas de casa, as mulheres ainda se dedicam duas vezes mais para cuidar das crianças, lavar e passar roupas, fazer compras no supermercado, limpar a casa, etc. Entretanto, ressalta-se que o mais recente desses estudos é do ano de 2010, inferindo-se mudanças nesses processos ao longo do tempo.

A maior participação dos homens nas tarefas domiciliares é um preditor da satisfação conjugal (Blair & Johnson, 1992; Greenstein, 1996; Kluwer et al., 1996; Lavee & Katz, 2002; Coltrane, 2000; Dessen & Braz, 2000), o que pode estar associado aos bons níveis de qualidade conjugal relatado pelos casais desse estudo, somado aos bons níveis de coparentalidade experimentados.

Por outro lado, alguns casais, quando perguntados se algumas das atividades já geraram algum conflito, afirmaram que sim coincidindo com os autores Vanalli & Barham (2012), que as mulheres ainda sentem que contribuem mais que os homens nas tarefas de casa e reportam sobrecarrega.

“Conflito é... normalmente quando eu não faço uma das minhas, quando eu não botei lixo pra fora ou alguma coisa assim, mas não chega a ser conflito” (Júlio, casal – 2).

“Não! É aquela coisa de tipo cobrar mais incisivamente assim, ‘tira o lixo, tira o lixo, tira o lixo!’ sabe?” (Maria, casal – 2).

Letícia diz que já houve, pois se considera “briguenta” e quer as coisas depressa e se sente por vezes sobrecarregada:

“Já gerou, a gente já brigou por causa das tarefas, eu sou muito briguenta, Porque eu acho que ele poderia ajudar um pouco mais ou ser mais ágil na execução da tarefa. E eu sou nervosa né, eu quero as coisas pra ontem, e aí às vezes dá conflito por isso né” (Letícia, casal – 3).

O casal Célia e Renato dizem ter alguns conflitos, mas que resolvem conversando.

“Sim, sempre tem um comentário, sempre eu que faço isso ou tipo, faz tu então um pouco e não fica dizendo pra eu fazer! (Risadas) Mas a gente sempre conversa depois e nos acertamos” (Célia, casal – 4).

Esses relatos evidenciam que as mulheres tendem a demandar que os homens façam as tarefas à sua maneira e ao seu tempo, o que pode terminar gerando conflitos. Entretanto, nos casais desse estudo, essas questões são conversadas e resolvidas, o que segundo Vanalli & Barham (2012), impacta positivamente na relação conjugal. As falas a seguir evidenciam essa dinâmica:

“A gente se comunica, um põe a mesa, o outro vai lá e tira” (Paula, casal – 1).

“Eu acho que não foi nada muito ensaiado antes, foi surgindo as coisas e foi indo meio que automático tem dias que eu tô super cansada, que eu não consigo nada assim, e ele me apoia totalmente” (Célia, casal – 4).

“A única coisa que a gente teve que organizar foi a madrugada” (Júlio, casal – 2), referindo-se não às tarefas domésticas, mas ao cuidado com a filha.

Quando perguntado como os cônjuges se sentem delegando tarefas um ao outro, todos mostram não ter dificuldades e se mostram satisfeitos:

“É uma coisa tranquila pra gente” (Paula, casal – 1).

“Tranquilo assim, não parece delegar atividade, entendeu? Parece mais uma parceria assim, hoje tá contigo ,hoje tá comigo” (Júlio, casal – 2).

“Normal assim, não me sinto constrangido” (Renato, casal – 4).

Identifica-se que a maior parte dos homens, desse estudo, mostraram-se participativos nas tarefas do lar. Para estes casais, a divisão foi ocorrendo naturalmente e fazem na medida que tem tempo, embora para alguns casais gere pequenos conflitos, parece estar havendo uma divisão relativamente igualitária e todos se mostraram satisfeitos.

Dupla – Carreira / Duplo – Trabalho

Esta categoria contempla a carreira dos casais e as repercussões do nascimento do filho(a) que passaram a demandar mais flexibilidade para fazer frente às exigências. Alguns casais têm trabalhos que os exigem significativamente e relatam isto nas falas a seguir:

“No meu trabalho, eles exigem bastante, tem muito trabalho.Então às vezes se tu estiver dispersa e acaba não dando conta e acaba esquecendo das datas prazos e alguma coisa que é importante que deveria ser feito e tu acaba não fazendo” (Leticia, casal – 3).

“Ah... o meu é desgastante, realmente trabalhar com criança não é fácil né. E mais eu amo, se não estaria trabalhando com criança, eu gosto” (Paula, casal – 1).

“O meu é bem assim, como dizer, tem emoção e tem de tudo, porque trabalho na emergência, mas deixo tudo lá, mas sempre acaba ficando algo, quando é criança mexe com a gente” (César, casal – 1).

“Assim, eu estou pensando em mudar de trabalho, porque eu já estou perto de me aposentar eu quero uma coisa menos estressante, mais tranquila que não me absorva muito. Porque eu quero ter mais tempo pra família também [...]” (Renato, casal – 4).

“[...] ah eu tenho 30 e poucos funcionários né, então, cada dia é um pepino, é um problema, é um... eu me estresso muito” (Roberto, casal – 5).

Alguns autores consideram que toda essa sobrecarga do trabalho profissional, pode ocasionar falta de energia ou fadiga implicando na motivação em outros papéis, como o familiar e domiciliar (Aryee et al., 2005; Demerouti et al., 2005). O equilíbrio entre a vida profissional e familiar ainda é um dos maiores desafios na vida das famílias de duplo-emprego ou de dupla carreira, segundo a literatura (Edwards & Rothbard, 2000, Frone, 2000; Grzywacz et al., 2002; Milkie & Peltola, 1999; Voydanoff, 1999).

As falas a seguir evidenciam essas repercussões:

“Nas atividades domésticas pra mim influencia, porque eu me sinto desanimada, eu não tenho coragem às vezes de fazer as coisas que tem pra fazer, antes da Rafa, eu fazia as coisas sozinha chegava do trabalho e fazia, limpava a casa, às vezes ele chegava do curso 22h/23h e eu ainda tava faxinando e hoje em dia eu não tenho mais essa disposição de fazer” (Leticia, casal – 3).

“Eu acho que sim, não tanto o trabalho do hospital, mas o de cuidadora, como sou uma das responsável então eu tenho que ficar muito tempo no celular, fazendo escala da semana, resolvendo estes imprevistos de última hora às vezes isso é muito desgastante, a minha filha quer atenção. O Pedro também já reclamou várias vezes que eu fico só no telefone, agora eu tenho me policiado mais e quando necessário eu peço mais respeito né” (Célia, casal – 4).

Nota-se nas falas anteriores que, com a chegada dos filhos, muda a dinâmica entre o trabalho e as tarefas do lar, já que o cuidado da criança é prioridade. O cansaço faz com que as tarefas domésticas, por exemplo, fiquem em segundo plano.

Nesse contexto, o apoio por parte do local de trabalho pode diminuir o estresse e também funcionar como aproximação dos papéis profissionais e familiares, promovendo a flexibilidade e a ajuda para esta integração. Os estudos de Barnett (1998) e de Jacobs e Gerson (2004) ressaltam que perceber o apoio do supervisor em relação a

questões familiares, mesmo que informal, tem uma repercussão na redução do conflito entre o profissional e familiar, como podemos notar nas falas a seguir.

Leticia diz que um dos motivos que ainda continua no trabalho é a flexibilidade que o mesmo dá:

“Umas das coisas que me fazem permanecer nesse trabalho é isso, poder sair, eu sei que eu tenho que compensar aquele horário, mas eu tenho a autonomia” (Leticia, casal – 3).

Esta ideia vai ao encontro do que César diz, que quando precisa alguém pode cobrir ele e vice-versa:

“Sim, lá é tranquilo [...] tem dias que trabalho 36 horas, cobrindo algum colega, mas quando eu preciso alguém me cobre também” (César, casal – 1).

“O dele é bem mais tranquilo que o meu neste sentido, teve um dia que a Lara, ficou doente, e ele teve que ficar em casa com ela, pois eu não podia, tenho uma jornada dupla, então o dele é mais flexível que eu neste sentido” (Célia, casal – 4).

Além disso, identifica-se que alguns casais, como Júlio e Leticia, após a maternidade/paternidade, diminuíram sua carga horária de trabalho, optando em não trazer mais trabalho para casa, assim podendo passar mais tempo com o seu filho(a). Esse dado evidencia os achados da pesquisa de Oliveira et al. (2011) que já estabilizados financeiramente e em uma união conjugal sólida, os casais puderam escolher diminuir sua carga horária de trabalho para ter condições de estar mais perto dos seus filhos.

“Eu trazia, antes, o que eu não vencia fazer, aí eu trazia pra casa, porque a demanda é muito grande, mas não faço mais” (Leticia, casal – 3).

“Pra mim influenciava bem mais antes da Mariana nascer, porque eu demorava muito mais pra desligar, depois que a Mariana nasceu pra mim zerou bastante coisa nesse sentido assim [...] Atualmente chego e a chave já tá desligada, porque ela já exige atenção e também a parte de gostar de tá com ela de brincadeira” (Júlio, casal – 2).

Estes resultados evidenciam que todos casais tem uma grande carga de trabalho semanal, e que alguns deles deixaram de trazer tarefas para casa para se dedicarem cada vez mais aos filhos, mudando sua relação com o trabalho, assim identificamos que, apesar de o trabalho ser desgastante, eles estão satisfeitos por terem uma flexibilidade, como mencionado acima. Embora o exercício profissional seja imprescindível à sustentação econômica da família, as obrigações familiares se impõem, demandando flexibilidade para a adaptação.

Considerações finais

O objetivo do presente estudo foi compreender a transição da conjugalidade para a coparentalidade tardia em casais com dupla carreira, o que considera-se ter sido alcançado. Entretanto, salientamos que os achados devem ser compreendidos considerando as características socioeconômicas e culturais da amostra investigada.

Nesse contexto, os resultados indicam transformações nas relações conjugais e coparentais. Especialmente, ressalta-se que os pais do presente estudo se mostraram significativamente envolvidos no desenvolvimento emocional e comportamental dos filhos, característica, antigamente, mais atribuída às mulheres. Além disso, os mesmos demonstraram participação que se iniciou já durante a gestação, sendo incrementada após o nascimento, dividindo os cuidados da prole com a esposa. Esta divisão mais igualitária das tarefas referentes aos filhos e ao lar demarcam a importância de altos níveis de acordo coparental que se refletem em bons índices de qualidade conjugal.

Na transição da conjugalidade para a coparentalidade, todos casais do presente estudo sofreram mudanças em sua rotina, antes da maternidade/paternidade eram mais ativos sexual e social, mas isso não acarretou conflitos significativos entre eles. Por

outro lado, diferente do postulado pela literatura, alguns casais percebem-se mais satisfeitos na conjugalidade após o nascimento do filho, devido a sensação de união promovida pelo exercício da coparentalidade.

Chama atenção a grande carga horária de trabalho dos participantes do estudo e o fato de que a maior parte deles não contar com expressivo auxílio, seja da família extensa ou de profissionais, e ainda assim não reportaram queixas significativas de sobrecarga ao ter que conciliar a carreira e a maternidade/paternidade. Nesse processo, a flexibilidade por parte do trabalho, havendo a possibilidade de diminuir a carga horária para passar mais tempo com seus filhos, se constituiu como fonte expressiva de apoio.

Este estudo poderá contribuir para futuros programas de intervenções remetendo a importância do desempenho positivo da coparentalidade para a qualidade conjugal e o desenvolvimento da prole. Por fim, destaca-se importância de serem efetuados mais estudos nacionais sobre esse fenômeno, como estudos quantitativos, para um mapeamento de um número maior de casais.

Referências

- Aryee, S., Srinivas, E., & Tan, H. (2005). Rhythms of life: antecedents and outcomes of work-family balance in employed parents. *Journal of Applied Psychology, 90*(1) 132-146. doi:10.1037/0021-9010.90.1.132
- Barbosa, P. Z., & Rocha-Coutinho, M. L. (2007). Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. *Psicologia Clínica, 19*(1), 163-185. doi:10.1590/S0103-56652007000100012
- Barnett, R. (1998). Toward a review and reconceptualization of the work/family literature. *Genetic, Social & General Psychology Monographs, 124*(2), 125-153.

- Bauer, G., & Kneip, T. (2012). Fertility from a couple perspective: a test of competing decision rules on proceptive behaviour. *European Sociological Review Advance*, 0(0), 1-14. doi:10.1093/esr/jcr095
- Baxter, J., Hewitt, B., & Haynes, M. (2008). Life course transitions and housework: Marriage, parenthood, and time on housework. *Journal of Marriage and Family*, 70(2), 259-272. doi:10.1111/j.1741-3737.2008.00479.x
- Beltrame, G. R., & Bottoli, C. (2010). Retratos do envolvimento paterno na atualidade. *Barbaroi*, 32(1), 205-226. doi:10.17058/barbaroi.v0i0.1380
- Blair, S. L., & Johnson, M. P. (1992). Wives' perception of fairness and the division of household labor. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 570-581. doi:10.2307/353243
- Bossardi, C. N. (2011). *Relação do engajamento parental e conflito conjugal no investimento com os filhos*. Florianópolis. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Burney, R. V., & Leerkes, E. M. (2010). Links between mothers' and fathers' perceptions of infant temperament and coparenting. *Infant Behavior and Development*, 33(2), 125-135. doi:10.1016/j.infbeh.2009.12.002
- Carmichael, G. A., & Whittaker, A. (2007). Choice and circumstance: Qualitative insights into contemporary childlessness in Australia. *European Journal of Population*, 23, 111-143. doi:10.1007/s10680-006-9112-4
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. (Maria Adriana Veríssimo Veronese, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carvalho, I. M. M., & Almeida, P. H. (2003). Família e proteção social. *São Paulo em Perspectiva*, 17(2), 109-122. doi:10.1590/S0102-88392003000200012

- Coltrane, S. (2000). Research on household labor: Modeling and measuring the social embeddedness of routine family work. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 1208-1233. doi:10.1111/j.1741-3737.2000.01208.x
- Conselho Nacional de Saúde [CNS]. (2012). *Resolução CNS 466/2012, de 12 dez. 2012: Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos*. Brasília, Brasil.
- Cruz, Q. S., & Mosmann, C. (no prelo). *Da Conjugalidade à Parentalidade: vivências em contextos de gestação tardia*. São Leopoldo: Unisinos.
- Demerouti, E, Bakker, A., & Schaufeli, W. (2005). Spillover and crossover of exhaustion and life satisfaction among dual-earner parents. *Journal of Vocational Behaviour*, 67, 266–289. doi:10.1016/j.jvb.2004.07.001
- Dessen, M. A. (1994). Interações e relações no contexto familiar: questões teóricas e metodológicas. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 10(2), 213-221.
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 16(3), 221-231. doi:10.1590/s0102-37722000000300005
- Dorsey, S., Forehand, R., & Brody, G. (2007). Coparenting conflict and parenting behavior in economically disadvantaged single parent African American families: The role of maternal psychological functioning. *Journal of Family Violence*, 22, 621-630. doi:10.1007/s10896-007-9114-y
- Edwards, J., & Rothbard, N. (2000). Mechanisms linking work and family: clarifying the relationship between work and family constructs. *The Academy of Management Review*, 25, 178-199. doi:10.5465/AMR.2000.2791609

- Feinberg, M. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting, 3*, 85-131.
doi:10.1207/S15327922PAR0302_01
- Franco, M. (2005). *Análise de conteúdo*. (2a ed.). Brasília: Líber Livro Editora.
- Frone, M. (2000). Work-family conflict and employee psychiatric disorders: the national comorbidity survey. *Journal of Applied Psychology, 85*, 888-895.
doi:10.1037/0021-9010.85.6.888
- Furstenberg Júnior, F. F. (2010). On a new schedule: transitions to adulthood and family change. *The Future of Children, 20*(1), 67-87. doi:10.1353/foc.0.0038
- Gjerdingen, D. K., & Center, B. A. (2003). First-time parents' prenatal to postpartum changes in health, and the relation of postpartum health to work and partner characteristics. *The Journal of the American Board of Family Practice, 16*(4), 304-311. doi:10.3122/jabfm.16.4.304
- Gomes, A. J. S., & Resende, V. R. (2004). O Pai Presente - O desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psic. Teor. Pesq., 20*(2), 119-125.
doi:10.1590/s0102-37722004000200004
- Greenstein, T. N. (1996). Husbands' participation in domestic labor: Interactive effects of wives' and husbands' gender ideologies. *Journal of Marriage and the Family, 58*, 585-596. doi:10.2307/353719
- Grzywacz, J., Almeida, D., & McDonald, D. (2002). Work-family spillover and daily reports of work and family stress in the adult labor force. *Family Relations, 47*, 255-266. doi:10.1111/j.1741-3729.2002.00028.x
- Guimarães, M.G. V., & Petean, E. B. L. (2012). Carreira e Família: Divisão de tarefas domiciliares na vida de professoras universitárias. *Revista Brasileira de Orientação Profissional, 13*(1), 103-110. Retrieved from <http://goo.gl/ifyjBx>

- Heckler, V. I., & Mosmann, C. P. (2014). Casais de dupla carreira nos anos iniciais do casamento: Compreendendo a formação do casal, papéis, trabalho e projetos de vida. *Barbarói*, (41), 119-147. Retrieved from <http://goo.gl/CaVBQk>
- Hernandez, J. A. E., & Hutz, C. S. (2010). Transição para a parentalidade: ajustamento conjugal e emocional. *Psico*, 40(4), 414-421. Retrieved from <http://goo.gl/6VABUx>
- Holland, A. S., & McElwain, N. L. (2013). Maternal and paternal perceptions of coparenting as a link between marital quality and the parent-toddler relationship. *Journal of Family Psychology*, 27(1), 117-156. doi:10.1037/a0031427
- Jablonski, B., & Saldanha da Silva, M. (2011). D(e)scolar de casa: dilemas contemporâneos dos casais de aeronautas. *Psicol. Rev.*, 17(2), 196-210. Retrieved from <http://goo.gl/1t1w6J>
- Jacobs, J. A., & Gerson, K. (2004). *The time divide: work, family and gender inequality*. Cambridge: Harvard University Press.
- Jager, M. E., & Bottoli, C. (2011). Paternity: existence of the first child and familiar changes. *Psicol. teor. prat.*, 13(1), 141-153. Retrieved from <http://goo.gl/sYAYVc>
- Jia, R., & Schoppe-Sullivan, S. J. (2011). Relations between coparenting and father involvement in families with preschool-age children. *Developmental Psychology*, 47(1), 106-118. doi:10.1037/a0020802
- Kluwer, E. S., Heesink, J. A. M., & Van de Vliert, E. (1996). Marital conflict about the division of household labor and paid work. *Journal of Marriage and the Family*, 58, 958-969. doi:10.2307/353983
- Lamela, D., Nunes-Costa, R., & Figueiredo, B. (2010). Modelos teóricos das relações coparentais: Revisão crítica. *Psicol. Estud.*, 15, 205-216. doi:10.1590/S1413-73722010000100022

- Lavee, Y., & Katz, R. (2002). Division of labor, perceived fairness, and marital quality: The effect of gender ideology. *Journal of Marriage and Family*, *64*(1), 27-39.
doi:10.1111/j.1741-3737.2002.00027.x
- Lee, C. S., & Doherty, W. J. (2007). Marital satisfaction and fathers involvement during the transition to parenthood. *Fathering*, *5*(2). Retrieved from <http://goo.gl/ehmfkM>
- Madden-Derdich, D., Leonard, S., & Christopher, F. (1999). Boundary ambiguity and coparental conflict after divorce: An empirical test of a family systems model of the divorce process. *Journal of Marriage and the Family*, *61*, 588-598.
doi:10.2307/353562
- Margolin, G., Gordis, E. B., & John, R. (2001). Coparenting: a link between marital conflict and parenting in two-parent families. *Journal Of Family Psychology*, *15*(1), 3-21. doi:10.1037/0893-3200.15.1.3
- Matos, M. G., & Magalhães, A. S. (2014). Tornar-se pais: sobre a expectativa de jovens adultos. *Pensando familias*, *18*(1), 78-91. Retrieved from <http://goo.gl/rz5KBP>
- McHale, J. P., & Rotman, T. (2007). Is seeing believing? Expectant parents' outlooks on coparenting and later coparenting solidarity. *Infant Behavior and Development*, *30*(1), 63-81. doi:10.1016/j.infbeh.2006.11.007
- McHale, J., & Lindahl, K. (2011). What is coparenting? In J. McHale & K. Lindahl (Eds.). *Coparenting: A conceptual and clinical examination of family systems* (pp. 3-12). Washington: American Psychological Association.
- McHale, J., Khazan, I., Erera, P., Rotman, T., DeCoursey, W., & McConnell, M. (2002). Coparenting in diverse family systems. In: Bornstein, M. (Ed.), *Handbook of parenting* (pp. 75-107). New Jersey: Erlbaum.
- McHale, J., Kuersten-Hogan, R., Lauretti, A., Talbot, J. Coparenting. (2001). In: Balter, L. (Ed.) *Parenthood in America: An Encyclopedia*. New York: ABC-CLIO.

- Menezes, C. C., & Lopes, R. C. S. (2007). Relação conjugal na transição para a parentalidade: Gestação até dezoito meses do bebê. *Psico USF*, *12*(1), 83-93. doi:10.1590/S1413-82712007000100010
- Milkie, M., & Peltola, P. (1999). Playing all the roles: gender and the work-family balancing act. *Journal of Marriage and Family*, *61*, 476-490. doi:10.2307/353763
- Minayo, M. C. S. (1994). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (3a ed). São Paulo: Hucitec.
- Morril, M. I., Hines, D. A., Mahmood, S., & Cordova, J. V. (2010). Pathways Between Marriage and Parenting for Wives and Husbands: The Role of Coparenting. *Family Process*, *49*, 59–73. doi:10.1111/j.1545-5300.2010.01308.x
- Núcleo de Estudos e Pesquisas em Transtorno do Desenvolvimento [NIEPED] (2006). *Entrevista sobre coparentalidade*. Porto Alegre: NIEPED – UFRGS.
- Oliveira, R. B., Galdino, D. P., Cunha, C. V., & Paulino, E. D. F. R. (2011). Gravidez após os 35: uma visão de mulheres que viveram essa experiência. *Corpus et Scientia*, *7*(2), 99-112. Retrieved from <http://goo.gl/dNbo1M>
- Patias, N. D., & Buenas, C. S. (2012). “Tem que ser uma escolha da mulher”! Representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. *Psicol. Soc.*, *24*(2), 300-306. doi:10.1590/S0102-71822012000200007
- Piccinini, C. A., Gomes, A. G., Nardi, T. D., & Lopes, R. S. (2008). Gestação e a constituição da maternidade. *Psicol. Estud.*, *13*(1), 63-72. doi:10.1590/S1413-73722008000100008
- Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. C. S., & Tudge, J. (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicol. Reflex. Crit.*, *17*(3), 303-314. doi:10.1590/s0102-79722004000300003

- Prati, L. E. & Koller, S. H. (2011). Relacionamento conjugal e transição para a coparentalidade: Perspectiva da Psicologia Positiva. *Psicol. Clin.*, 23(1),103-118. doi:10.1590/S0103-56652011000100007
- Rocha-Coutinho, M. L. (2005). Variações sobre um antigo tema: A maternidade para mulheres com uma carreira profissional bem-sucedida. In T. Feres-Carneiro. *Família e Casal: Efeitos da contemporaneidade*. (pp.122-137). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio.
- Ronchi, J. P., & Avellar, L. Z. (2011). Família e ciclo vital: a fase de aquisição. *Psicol. Rev.*, 17(2), 211-225. doi:10.5752/P.1678-9563.2011v17n2p211
- Schoppe, S., Mangelsdorf, S., & Frosch, C. (2001). Coparenting, family process and family structure: Implications for pres-schoolers' externalizing behavior problems. *Journal of Family Psychology*, 15, 526-545. doi:10.1037/0893-3200.15.3.526
- Schupp, T. R. (2006). *Gravidez após os 40 anos de idade: análise dos fatores prognósticos para resultados maternos e perinatais diversos*. São Paulo: USP.
- Silva, M. D. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estud. psicol. (Campinas)*, 24(4), 561-573. doi:10.1590/S0103-166X2007000400015
- Soares, D. A. M. (2012). Paternidade e Geratividade na Transição para a Parentalidade. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional de Braga, Portugal.
- Souza, N. H., Wagner, A., Branco, B., & Reichert, C. (2007). Famílias com casais de dupla carreira e filhos em idade escolar: Estudo de casos. *Aletheia*, (26), 109-121. Retrieved from <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n26/n26a10.pdf>
- Stake, R. (2011). *Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Porto Alegre: Penso.

- Szapiro, A. M., & Férrez-Carneiro, T. (2002). Construções do feminino pós anos sessenta: o caso da maternidade como produção independente. *Psicol. Reflex. Crit.*, *15*(1), 179-188. doi:10.1590/S0102-79722002000100019
- Tarin, J. J., Brines, J., & Cano, A. (1998). Long-term effects of delayed parenthood. *Human Reproduction*, *13*(9), 2371-2376. doi:10.1093/humrep/13.9.2371
- Teubert, D., & Pinguart, M. (2010). The association between coparenting and child adjustment: A meta-analysis. *Parenting*, *10*, 286-307. doi:10.1080/15295192.2010.492040
- Van Egeren, L. A., & Hawkins, D. P. (2004). Coming terms with coparenting: implications of definition and measurement. *Journal Of Adult Development*, *11*(3), 165-178. doi:10.1023/B:JADE.0000035625.74672.0b
- Vanalli, A. C. G., & Barham, E. J. (2012). Após a licença maternidade: a percepção de professoras sobre a divisão das demandas familiares. *Psicol. Soc.*, *24*(1), 130-138. doi:10.1590/S0102-71822012000100015
- Voydanoff, P. (1999). Work and family issues: policies, programs and approaches. *Family Relations*, *48*, 215-217. doi:10.2307/585086
- Zavaschi, M. L., Costa, F., Brunstein, C., Kruter, B. C., & Estrella, C. G. (1999). Idade materna avançada: Experiência de uma boa interação. *Rev. Psiquiatr. Rio Gd Sul*, *21*(1), 16-22.

Considerações Finais da Dissertação

O objetivo deste trabalho foi compreender a transição para a coparentalidade em casais de dupla carreira em um contexto de gestação tardia. Os motivos que suscitaram o interesse pela gestação tardia surgiram ainda na graduação quando por experiência pessoal, as vezes conversando com amigos e colegas sobre maternidade, era uma coisa que ainda não passava pela minha cabeça e algumas amigas ficavam impactadas comigo e também porque ainda no Brasil a gestação tardia é pouco estudada, ainda um “tabu”, somando-se a coparentalidade e dupla carreira.

Os resultados apontaram em envolvimento expressivo do pai desde o início da gravidez e após o nascimento do filho. Também mostraram-se assumindo igualmente com as mães as tarefas domésticas, revelando modificações em paradigmas antigos em que o homem era vinculado ao mercado de trabalho, e a mulher à casa, com o cuidado dos filhos e do lar. Tanto as mães quanto os pais desse estudo, têm exaustivas horas de trabalho, entretanto não se sentiam sobrecarregados, mas felizes em suas carreiras. Esse dado chama atenção e pode ser decorrente da desejabilidade social suscitada pelo tema. Por outro lado, diante das dificuldades inerentes ao processo de transição para a parentalidade, identificamos nesses casais, a importância do apoio coparental e do planejamento em conjunto da gestação.

Outro dado que chama atenção é em relação as mudanças na rotina que estes casais sofreram após o nascimento do filho, eles relataram que antes da maternidade/paternidade eram mais ativos socialmente, mas que esta mudança não gerou conflitos entre eles. Por outro lado, diferente do postulado pela literatura, alguns casais percebem-se mais satisfeitos na conjugalidade após o nascimento do filho, devido a sensação de união promovida pelo exercício da coparentalidade.

Em relação as limitações do estudo, salienta-se que cada família é única, cada Região tem seus costumes assim como também cada País. As dificuldades enfrentadas foram em encontrar esses casais dispostos a participar da pesquisa. Às vezes a gestação tardia é resultado de diversas tentativas infrutíferas de gestação o que pode se tornar um empecilho para aceitarem falar sobre este processo. Mas avalia-se que os objetivos foram plenamente atingidos, pois todos os casais me receberam muito bem, principalmente as mães que foram as que mais falaram e contribuíram. Alguns pais se sentiram um pouco constrangidos em falar e foram algumas vezes monossilábicos, mas também me receberam em suas casas muito bem.

Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para o aprofundamento da compreensão das relações familiares e que futuros estudos possam expandir as amostras investigadas, em diferentes níveis socioeconômicos e culturais visando a ampliação das investigações sobre a coparentalidade no Brasil.

Referências da Dissertação

- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Corrêa, D. P., & Aquino, G.B. (2015). Inserção da mulher de classe média no mercado de trabalho e sua conciliação com a maternidade sob a ótica de professoras do ensino superior. *Revista Científica da Faminas*, 11(1), 119-141. Retrieved from <https://goo.gl/cfyLiv>
- Feinberg, M. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting*, 3, 85-131. doi: 10.1207/S15327922PAR0302_01
- Margolin, G., Gordis, E. B., & John, R. (2001). Coparenting: a link between marital conflict and parenting in two-parent families. *Journal Of Family Psychology*, 15(1), 3-21. doi: 10.1037/0893-3200.15.1.3
- McHale, J., & Lindahl, K. (2011). What is coparenting? In J. McHale & K. Lindahl (Eds.). *Coparenting: A conceptual and clinical examination of family systems* (pp. 3-12). Washington: American Psychological Association.
- Núcleo de Estudos e Pesquisas em Transtorno do Desenvolvimento [NIEPED]. (2006). *Entrevista sobre coparentalidade*. Porto Alegre: NIEPED – UFRGS.
- Núcleo de Infância e Família [NUDIF]. (1999a). *Entrevista sobre a Experiência da Maternidade*. Unpublished Instrument, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- Núcleo de Infância e Família [NUDIF]. (1999b). *Entrevista sobre a Experiência da Paternidade*. Unpublished Instrument, Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Brasil.

Van Egeren, L. A., & Hawkins, D. P. (2004). Coming terms with coparenting: implications of definition and measurement. *Journal Of Adult Development, 11*(3), 165-178. doi: 10.1023/B:JADE.0000035625.74672.0b

Apêndice A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Unidade de Pesquisa e Pós-Graduação (UAPPG)
Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Versão agosto/2013

UNIDADE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA RESOLUÇÃO 239/2015

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS analisou o projeto:

Projeto: Nº CEP 15/231 **Versão do Projeto:** 15/12/2015 **Versão do TCLE:** 15/12/2015


Coordenadora:
Mestranda Daiana Quadros Fidelis (PPG em Psicologia)

Título: A transição para a coparentalidade após os 35 anos em casais de dupla carreira.

Parecer: O projeto foi APROVADO, por estar adequado ética e metodologicamente, conforme os preceitos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

A pesquisadora deverá encaminhar relatório anual sobre o andamento do projeto, conforme o previsto na Resolução CNS 466/12, item XI.2, letra d. Somente poderão ser utilizados os Termos de Consentimento onde conste a aprovação do CEP/UNISINOS.

São Leopoldo, 15 de dezembro de 2015.


Prof. Dr. José Roque Junges
Coordenador do CEP/UNISINOS

Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação
Comitê de Ética em Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Prezado/a participante:

Sou Daiana Quadros Fidelis, estudante do curso de Mestrado do Programa Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS e estou realizando uma pesquisa sob orientação da professora Clarisse Mosmann, cujo objetivo é compreender a transição para a coparentalidade em casais com dupla carreira em um contexto de gestação tardia. A finalidade do estudo é conhecer como o casal concilia o trabalho com os cuidados do(s) filho(s) e como acorda a divisão de tarefas domiciliares. Sua colaboração nesta pesquisa contribuirá para saber mais sobre as vivências da coparentalidade.

Sua participação é muito importante em duas entrevistas que poderão levar em torno de uma hora. Nessas entrevistas, conversaremos sobre seu relacionamento, sobre seu(s)/sua(s) filho(s)/a(s) e seu trabalho. Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, sem prejuízo algum. Sua identidade será preservada, ou seja, em nenhum momento serão apresentadas informações que permitam sua identificação.

Caso se verifique algum desconforto decorrente das entrevistas, você será encaminhando para atendimento na clínica-escola da Unisinos.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas comigo, pelo fone (51) 92178391, ou pelo e-mail fidelisdaiana@gmail.com. Sua concordância em participar será confirmada por meio da sua assinatura desse termo em duas vias: uma ficará aos meus cuidados e a outra em seu poder.

São Leopoldo, _____ de _____ 20____ .

Daiana Quadros Fidelis
CRP: 07/24257

Nome completo do/a participante

Assinatura do/a participante

CEP - UNISINOS
VERSÃO APROVADA
Em: 16/12/11
.....
.....

Apêndice C – Ficha de Dados Sociodemográficos**Ficha de dados sociodemográficos****Esposa:**

Idade: _____

Escolaridade: _____

Estado civil: _____

Quanto tempo de casados: _____

Quantos filhos (as): _____

Idade dos filhos: _____

O filho já está inserido na escola? _____

Há quanto tempo? _____

Quantas horas por dia, ele fica na escola?

Trabalhas fora: _____

Profissão: _____

Que tipos de exigência você tem no trabalho: _____

Você traz trabalho para casa? _____

Carga horária de trabalho (diária e semanal): _____

Esposo:

Idade: _____

Escolaridade: _____

Estado civil: _____

Quanto tempo de casados: _____

Quantos filhos (as): _____

Idade dos filhos: _____

O filho já está inserido na escola? _____

Há quanto tempo? _____

Quantas horas por dia, ele fica na escola?

Trabalhas fora: _____

Profissão: _____

Que tipos de exigência você tem no trabalho: _____

Você traz trabalho para casa? _____

Carga horária de trabalho (diária e semanal): _____

Apêndice D – Entrevista sobre a Experiência da Maternidade

Entrevista sobre a Experiência da Maternidade
(NUDIF, 1999a)

1. Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre como está sendo a experiência de ser mãe pela primeira vez.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como é a relação de casal de vocês?
- Vocês namoraram antes de casar?
- Quanto tempo?
- Como foi a decisão de se casarem? (morarem juntos?)
- As expectativas se confirmaram?
- Como foi a decisão pela gestação?
- Como surgiu a gravidez? Porque neste momento?
- Como eram como casal antes de ter filho?
- Como esta a vida conjugal após o nascimento do seu filho(a)?
- Como foi o parto? E os primeiros dias depois? Foi como tu imaginavas?
- Como tens te sentido desde o nascimento do bebê? Em termos físicos e emocionais.
- Como tu estás te sentindo como mãe?
- Que dificuldades tu tens sentido?
- Tu imaginavas que seria assim?
- Como tu te descreverias como mãe?

2. Eu gostaria que tu me falasses sobre o teu dia a dia com o bebê.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Que tarefas tu tens assumido com relação aos cuidados do bebê? Como tu te sentes?
- Que coisas tu mais gostas de fazer com ele? Por quê?
- Que coisas tu menos gostas de fazer com ele? Por quê?
- Tu costumava brincar com o bebê? Com que frequência?
- Que tipo de brincadeira vocês costumam fazer?
- Como ele reage a estas brincadeiras?
- Onde o bebê passa a maior parte do tempo?

3. Eu gostaria que tu me falasses como tu estás vendo o teu marido/companheiro como pai.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como é o jeito dele lidar com o bebê?
- Como tu achas que ele está sendo como pai?
- Era como tu imaginavas?
- Como é a participação do pai neste período? Tu solicitas a ajuda dele nos cuidados com o bebê? Como ele reage?

4. Tem outras pessoas te ajudando a cuidar do bebê?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Quantas horas esta pessoa fica?
- Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do bebê?
- O que te agrada? O que te incomoda?
- Isso já gerou algum conflito entre vocês? Porque?
- Como o teu bebê reagiu no início quando outra(s) pessoa(s) ficava(m) com ele? E hoje, como ele reage? Como esta pessoa é com ele?

- Como vocês dividem as tarefas do lar?
- Vocês tem alguém que os apoia nas tarefas do lar? Quem?
(Caso o bebê fique mais de 5 horas semanais aos cuidados de outra pessoa)
- Por que vocês escolheram esta forma de cuidado para o bebê? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc.)

Apêndice E – Entrevista sobre a Experiência da Paternidade

Entrevista sobre a Experiência da Paternidade
(NUDIF, 1999b)

1. Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre como está sendo a experiência de ser pai pela primeira vez. *(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Como é a relação de casal de vocês?
- Vocês namoraram antes de casar?
- Quanto tempo?
- Como foi a decisão de se casarem? (morarem juntos?)
- As expectativas se confirmaram?
- Como foi a decisão pela gestação?
- Como surgiu a gravidez? Porque neste momento?
- Como eram como casal antes de ter filho?
- Como esta a vida conjugal após o nascimento do seu filho(a)?
- Como foi o nascimento do bebê? Qual foi a tua participação? Como tu te sentiste?
- Como tens te sentido desde o nascimento do bebê? Em termos físicos e emocionais.
- Como tu estás te sentindo como pai?
- Que dificuldades tu tens sentido?
- Tu imaginavas que seria assim?
- Como tu te descreverias como pai?

2. Eu gostaria que tu me falasses sobre o teu dia a dia com o bebê. *(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Que tarefas tu tens assumido com relação aos cuidados do bebê? Como tu te sentes?
- Que coisas tu mais gostas de fazer com ele? Por quê?
- Que coisas tu menos gostas de fazer com ele? Por quê? - Tu costumas brincar com o bebê? Com que frequência?
- Que tipo de brincadeira vocês costumam fazer?
- Como ele reage a estas brincadeiras?
- Onde o bebê passa a maior parte do tempo?

3. Eu gostaria que tu me falasses como tu estás vendo o tua esposa/companheira como mãe. *(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Como é o jeito dela lidar com o bebê?
- Como tu achas que ela está sendo como mãe?
- Era como tu imaginavas?
- Como é a participação da mãe neste período?? Ela solicita a tua ajuda? Como tu te sentes?

4. Tem outras pessoas te ajudando a cuidar do bebê?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Quantas horas esta pessoa fica?
- Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do bebê?
- O que te agrada? O que te incomoda?
- Isso já gerou algum conflito entre vocês? Porque?
- Como o teu bebê reagiu no início quando outra(s) pessoa(s) ficava(m) com ele? E hoje, como ele reage? Como esta pessoa é com ele?

- Como vocês dividem as tarefas do lar?
- Vocês tem alguém que os apoia nas tarefas do lar? Quem?
(Caso o bebê fique mais de 5 horas semanais aos cuidados de outra pessoa)
- Por que vocês escolheram esta forma de cuidado para o bebê? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc.)

Apêndice F – Roteiro para Entrevista sobre Coparentalidade

Roteiro para Entrevista sobre Coparentalidade (Adaptado NIEPED, 2006)

Pergunta Introdutória

1. Como é a rotina da família (horários de refeições, banho, cama, etc.)?

Parentalidade

2. Como descreve seu parceiro como pai/mãe?

Relacionamento com o/a filho (a)

3. Como é o relacionamento com o/a filho (a)?
4. Quais as maiores dificuldades para lidar com seu/sua filho (a) no dia-a-dia?

Conjugalidade

5. Como é relação de casal de vocês? [SEP]
6. Vocês namoraram antes de casar?
7. Quanto tempo?
8. Como eram como casal antes de ter filho?
9. Como foi a decisão de se casarem (morarem juntos)?
10. Quais eram suas expectativas de morarem juntos?
11. As expectativas se confirmaram?
12. Como foi a decisão pela gestação?
13. Como esta a vida conjugal após o nascimento do seu filho (a)?

Compartilhamento de Cuidados

14. Vocês dividem as tarefas/responsabilidades relacionadas ao/a filho (a)?
15. E a divisão de tarefas do lar?
16. Como chegaram nessa divisão? (se for o caso)
17. Especifique algumas tarefas que são da responsabilidade de cada um.
18. Como você se sente delegando essas tarefas para o parceiro?
19. Vocês estão satisfeitos com esta forma de divisão? Se não, o que mudariam?
20. Isto já gerou algum conflito entre vocês? Porque?
21. Como é a divisão sobre os aspectos relacionados à divisão de tarefas (quem leva, quem busca, quem prepara o/a filho (a), quem se comunica com a escola, quem participa?)
22. Tem alguém que auxilia nas tarefas domésticas?

Engajamento em atividades com o/a filho (a)

23. Quais as atividades que cada um de vocês faz sozinho com o/a filho (a)? Qual o tempo e a frequência dessas atividades, em geral?

Engajamento em atividades com a família

24. Quais são as atividades que vocês três fazem juntos? Qual o tempo e a frequência dessas atividades em geral?

Carreira

25. Como é o trabalho de vocês?
26. Qual é a flexibilidade da carga horária do trabalho de vocês?
27. Como está o trabalho de vocês atualmente?
28. Quantas horas vocês trabalham por dia?
29. Vocês trazem trabalho para casa?
30. O trabalho de vocês está influenciando nas atividades em casa?
31. Como vocês fazem a divisão das finanças? Quem se responsabiliza pelo quê?